

Área de Intervenção 2: Autarquias e Serviços Concelhios

Projecto AEI

Nesta área de Intervenção estão em curso dez projectos, com um orçamento de 5,6 milhões de euros, envolvendo as 11 Câmaras Municipais da Região e a Associação de Municípios da Ria, onde trabalham directamente 51 técnicos, com um volume de trabalho de 837 pessoas por mês. Os resultados destes projectos vão contribuir para a eficiência dos serviços de administração local, com impacto nos serviços de atendimento, no planeamento e ordenamento do território, na gestão do cadastro e do ambiente, na mobilidade e na segurança. A Formação comprometida vai qualificar directamente 7.125 pessoas, através de 99.090 horas de formação em Serviços e Aplicações e 57.330 horas em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Nair Barreto, presidente da Câmara Municipal de Águeda, explicou em que consiste o projecto AEI, serviços de back-office e front-office das Câmaras Municipais de Águeda, Estarreja e Ílhavo, e quais os benefícios que irá trazer às autarquias.

Qual é o principal objectivo do projecto?

O AEI é um projecto intermunicipal que tem como grande preocupação a modernização administrativa, disponibilizando os serviços electrónicos e facilitando a vida dos munícipes. Pretende que, para além do enriquecimento, da modernização administrativa, os próprios funcionários sejam também agentes da mudança.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

As câmaras envolvidas no projecto já estão praticamente com o projecto de Intranet organizado e facilitado, que irá facilitar a vida dos funcionários porque coloca ao serviço interno, os editais, despachos, ordens de serviços e concursos internos, assim como mapa de férias, de formação e gestão financeira, permitindo o acesso de todos os elementos. Também tem o serviço de web-service que permite uma interacção mais facilitada com os munícipes, simplificando as suas deslocações, consulta de processos e requerimentos que podem ser disponibilizados on-line. Alguns produtos têm a ver com a melhoria dos serviços, quer internos, quer externos, de forma a melhorar a eficácia e eficiência desses serviços, para além de melhorar o planeamento e a gestão dos diversos serviços que existem nas Câmaras Municipais.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços, de forma interna e externa?

Abrange as câmaras de Águeda, Estarreja e Ílhavo e a população dos três municípios, num total de 115.485 pessoas, e 870 funcionários, para além da população que queira ter acesso a essas informações via Internet. O projecto promove ainda uma descentralização do município para as Juntas de Freguesia e Assembleia Municipal. É

um mundo muito alargado de serviços que se oferece às pessoas, é um número incalculável de pessoas que podem aderir aos procedimentos.

Quais são os impactos na criação de valor, aumento de mercado e receitas, diminuição de custos e tempo?

Muito grande e mostra que as câmaras que aderem a esse programa são câmaras abertas e modernas que querem estar ligadas à nova linguagem universal e que não querem ficar analfabetas dos procedimentos, das informações e das tecnologias modernas. A modernização administrativa é o ponto fundamental, ao facilitar e otimizar todo o serviço que é prestado.

Voltaria a candidatar-se ao programa?

Sim. É um programa que foi implementado em boa hora em Aveiro, um distrito que está no mundo científico e da tecnologia moderna, a acompanhar todos os processos e progressos que existem a nível mundial e nacional.

Área de intervenção 2 – Autarquias e Serviços Concelhios

Projecto Sal-online

Entrada – José Licínio Pimenta, vereador da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, explica o projecto Sal-online, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto designa Serviços Autárquicos Locais Online

Qual é o principal objectivo do projecto?

Reorganizar os serviços autárquicos de forma a torná-los mais eficientes e eficazes e disponibilizá-los através da Internet os municípios dos cinco municípios que integram o projecto: Albergaria-a-Velha, Aveiro, Mira, Murtosa e Ovar.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

No âmbito do projecto estão a ser desenvolvidos dois concentradores de serviços: a Intranet, destinada aos colaboradores e Executivos das cinco Autarquias, que será uma plataforma única de informação e comunicação entre todos os serviços camarários e promove, desta forma a participação dos colaboradores no Planeamento de Actividades do Município; a Internet/Portal de Serviços, destinada aos municípios, empresas, juntas de freguesia, associações, colectividades, etc.

Mas como funciona na prática?

A base deste projecto tem a ver com as plataformas que usamos em trabalho, daí um parceiro importante deste projecto é a AIRC – Associação de Informática da Região Centro, que fornece o software que serve de base de trabalho a estas autarquias. E temos uma coisa importante dentro deste projecto é trabalharmos em conjunto e partimos de cinco estádios diferentes, cinco câmaras com realidades diferentes e o objectivo é que cheguemos todos a Dezembro de 2006 num mesmo patamar e que esse patamar seja medido por cima.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

A Intranet permitirá o acesso a uma visão integrada das aplicações, disponibilizar informação de gestão, implementar sistemas de controlo das tarefas e executar alertas e notificações, implementar mecanismos de gestão de recursos partilhados, criar espaços de debate electrónico, etc. A Internet/Portal de Serviços permitirá diminuir o tempo de resposta às solicitações dos municípios, diminuir o ciclo médio dos processos e reduzir o atendimento presencial, com as vantagens que daí advêm para todos, porque estas ferramentas permitem um melhor gestão de todos os processos.

Trata-se sobretudo de uma desburocratização do sistema.

Sem dúvida, com isto vamos desburocratizar e desburocratizando vamos simplificar e facilitar a vida ao munícipe. Todo o projecto está virado para o munícipe.

Quais os problemas que resolve?

Através destes dois pressupostos podemos: fornecer ao munícipe qualquer que seja o canal por ele escolhido (presença/Internet/telefone), informação rigorosa e actual dos processos; identificar, com rigor, o estado e forma de tratamento dos processos; fornecer aos decisores a informação necessária e em tempo útil; possibilitar o acesso a um único ponto onde se possam preencher, submeter e validar formulários, bem como aceder a aplicações de suporte; personalizar a informação ao munícipe; reduzir o atendimento presencial.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

São cinco entidades beneficiárias (as cinco câmaras municipais), depois consideramos como elo fundamental a AIRC, e todas as pessoas destas câmaras.

Quais os impactos do projecto?

Através da reengenharia de processos e da formação dos recursos humanos, teremos maior eficiência e eficácia dos serviços prestados e, conseqüentemente, da organização. Dotámos os serviços de equipamento informático adequado aos desafios e de aplicações informáticas que facilitam o desempenho de tarefas. Realizámos acções de formação que possibilitam, aos colaboradores, a utilização dos equipamentos e das aplicações, motivando os mesmos de forma a que contribuam para a reengenharia de processos. Outro aspecto importante foi a criação de grupos de trabalho intermunicipais, em várias áreas, sem dúvida uma mais valia do projecto, pois a troca de experiências e práticas de trabalho enriqueceu os serviços internos das cinco autarquias.

Em que fase está o projecto?

Tem, neste momento, uma execução financeira na ordem dos 60,44 por cento do investimento total, o que se traduz em 377.727 euros num total de 625 mil euros. Em termos de tarefas, além da aquisição de equipamento informático, fez-se um levantamento exaustivo da realidade de cada uma das câmaras, já se instalaram as aplicações informáticas da Intranet e estamos a fazer o carregamento dos conteúdos.

É um projecto para manter?

Não há retorno possível. A viabilidade deste projecto está garantida, porque formaram-se pessoas que já estão a trabalhar nos seus postos de trabalho.

Precisa de mais investimento em TIC?

O investimento em TIC é sempre necessário, quanto mais não seja ao nível do equipamento, porque trata-se de um processo contínuo.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sem dúvida, porque mesmo reconhecendo que a administração local tem procedimentos muito burocráticos e morosos, com este projecto assumimos o desafio de, a partir de cinco municípios com realidades e estádios de desenvolvimento curto, até Dezembro de 2006, disponibilizarmos os serviços autárquicos através do Portal de Serviços, garantindo simplicidade e celeridade de processos. Em suma, vamos ter cinco câmaras municipais com elevada qualidade de serviços a darem resposta às actuais exigências quer da comunidade em geral quer do tecido empresarial e industrial.

Área de Intervenção 2: Autarquias e Serviços Concelhios

Projecto Sever-Infirma

Nesta área de Intervenção estão em curso dez projectos, com um orçamento de 5,6 milhões de euros, envolvendo as 11 Câmaras Municipais da Região e a Associação de Municípios da Ria, onde trabalham directamente 51 técnicos, com um volume de trabalho de 837 pessoas por mês. Os resultados destes projectos vão contribuir para a eficiência dos serviços de administração local, com impacto nos serviços de atendimento, no planeamento e ordenamento do território, na gestão do cadastro e do ambiente, na mobilidade e na segurança. A Formação comprometida vai qualificar directamente 7.125 pessoas, através de 99.090 horas de formação em Serviços e Aplicações e 57.330 horas em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Manuel Soares, presidente da Câmara Municipal de Sever do Vouga, explicou os benefícios que projecto irá trazer, cujos resultados principais são os serviços de back-office e front-office.

Em que consiste o projecto?

Tem como objectivo principal reduzir o atendimento presencial, disponibilizar serviços electrónicos ao cidadão, simplificar procedimentos e melhorar o sistema de informação municipal.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Sinteticamente, uma Intranet, que é uma ferramenta de comunicação e trabalho interna, e a Internet com o web-service, serviços electrónicos dirigidos ao cidadão, que irá reduzir o atendimento presencial. O projecto tem esse aspecto negativo, mas os aspectos positivos superam esta faceta negativa que é a impessoalidade no tratamento.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

A Internet permitirá a ligação cidadão/município e divulgação do concelho e permitirá informar os cidadãos, no caso dos regulamentos, actas e avisos. Desejamos que a Intranet seja a ferramenta de trabalho através da qual serão reformulados os procedimentos internos, como a execução de tarefas, com a eliminação da circulação de papéis, diminuição de custos e disponibilização de procedimentos aos colaboradores.

Quais são os problemas que resolve?

Contribui para a modernização administrativa e a desburocratização. Os funcionários escusam de andar a circular de gabinete em gabinete. Com esse serviço ninguém poderá evocar que não tem informação para disponibilizar aos cidadãos.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços, de forma interna e externa?

Teoricamente dirige-se a todos os munícipes, às empresas, que poderão ter acesso às informações, e às pessoas que não residem em Sever do Vouga.

Quais os impactos que serão criados?

Não encaramos esse projecto numa óptica economicista, o que está aqui em causa é a modernização e desburocratização. É pelo lado de diminuição de despesas que o projecto irá funcionar bem.

Quem vai explorar e manter os serviços?

Está garantida a sua exploração e manutenção pela autarquia. Teremos que recorrer ao apoio de entidades externas que depois contrataremos.

As expectativas são grandes?

Sim, e como costumamos dizer se o projecto repetisse, tornávamos a candidatar-mo-nos. A redução de custos, a informação rápida que é prestada aos munícipes, a circulação interna de informação, a não desculpabilização interna dos funcionários leva-nos a ter grandes expectativas.

Acha que precisa de mais investimento em TIC?

Há que continuar a investir na formação dos funcionários com as acções de formação. Quem ficar para trás na área das tecnologias de informação está ultrapassado e passará a ser um info-excluído.

Área de Intervenção 2: Autarquias e Serviços Concelhios

Projecto SICAVIM

“Modernização dos serviços e aumento da sua eficácia”

O Projecto SICAVIM–Sistema Integrado de Gestão Cadastral de Vagos, Ílhavo e Mira é liderado por esta última Câmara Municipal. Mário Maduro, presidente da Câmara Municipal de Mira, fala deste projecto

Quais os objectivos que levaram ao lançamento deste projecto?

Este projecto visa articular as câmaras municipais e os diversos serviços – a repartição de Finanças, o Registo Predial, Serviços Notariais – e criar novos meios para levar esses serviços às populações, recorrendo à web, de modo a que quem quiser fazer essa referenciação e actualização o consiga de forma célere. O SICAVIM é apoiado pelo Instituto Geográfico Português, no âmbito do projecto nacional Sinergic.

Para além da informação e gestão cadastral, é essencial que se faça uma consulta rápida do cadastro – em termos geométricos, fiscais e jurídicos – e que haja a possibilidade de fazer uma justificação das normas e dos procedimentos. O município pode, através deste projecto, fazer directamente esses procedimentos, e com uma repercussão imediata nesse sistema de informação. Depois, em termos de registo predial, esperamos diminuir o tempo. Fazer uma interligação entre as associações e os municípios é outro dos objectivos. Isto irá aproximar a autarquia das populações. Contribui para a modernização dos serviços e aumento da sua eficácia.

Antes do projecto, como estava a Câmara de Mira, quanto às tecnologias da informação?

A Câmara Municipal de Mira (CMM) estava atrasada dezenas de anos. Neste momento, está avançada “anos-luz”, em relação a outros serviços da área. Sendo dito por nós, pode parecer que existe alguma forma de sobrelevar a CMM. Já tínhamos um sistema geo-referenciado, mas, neste momento Mira está na linha da frente desta área.

Foram obrigados a grandes investimentos?

O orçamento aprovado foi de 493 mil euros para os três municípios.

Na vida diária dos cidadãos, em que vai ajudar?

Havendo um acesso directo dessas mesmas populações, havendo uma modernização administrativa, o tempo de espera para qualquer possível projecto que seja colocado irá diminuir.

Quanto pode demorar hoje colocar um projecto e qual a ambição da câmara?

Já o pode fazer, mas neste momento há funcionários em formação para responder a esse tipo de serviço.

Como tem sido vivida a fase de formação dentro da câmara?

É sempre muito difícil. A CMM está a trabalhar com muito poucos funcionários. Por vezes temos de “pedir” a boa vontade dos funcionários, para ultrapassar as dificuldades.

E necessário que haja uma formação. Os quadros são deficitários. Temos alunos a fazer estágios profissionais que muito têm ajudado na área da informática. Por exemplo, o portal de turismo, que irá ser implementado em breve, tem muito o dedo dos alunos de engenharia da Universidade de Coimbra. Tentamos somar vontades e ideias em prol dos munícipes.

Na lista dos beneficiários, além dos particulares que têm processos de obras, que outras entidades podem beneficiar?

Conservatórias do registo predial, os serviços notariais...

O tecido económico pode beneficiar?

Sim, via Associação Empresarial. Também são para eles estes serviços.

Acredita que pode agilizar bastante a instalação de uma empresa?

Não acredito. Tenho a certeza que vão aumentar os serviços e diminuir o tempo de espera dos processos.

Novos investimentos nesta área estão previstos?

Nunca podemos dizer que estamos satisfeitos.

Admite apresentar novas candidaturas?

Quando nos abalançámos para a Incubadora de Empresas e em protocolos com Universidade de Coimbra e a Universidade de Aveiro, e numa altura em que se fala da Estratégia de Lisboa e do Choque Tecnológico, Mira, desde o início, está apostada nas novas tecnologias. Há projectos que são de encher o olho, como largos e jardins, e há projectos que, embora não sejam visíveis em termos políticos, são uma opção importante em termos futuros. Serão um benefício para todos.

Área de intervenção 2 – Autarquias e Serviços concelhios

Projecto SIG–Ria

Ribau Esteves, presidente do Conselho de Administração da Associação de Municípios da Ria, explica o projecto SIG–Ria, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto designa Serviços SIG na Região da Ria

Qual é o principal objectivo?

Tem um conjunto complexo de objectivos. Em primeira instância visa facultar uma ferramenta de gestão do território, de planeamento, fundamental para a AMRia e para os onze municípios associados, que é a ferramenta de um Sistema de Informação Geográfica (SIG). Considerando que a AMRia e a Associação Bairrada Vouga tinham produzido cartografia digital à escala 1:10000, que é uma ferramenta básica, absolutamente fundamental para se construir um SIG, entendemos dar este passo, aproveitando a oportunidade que o Programa Aveiro Digital 2003/2006 nos facultou. Desenhámos um projecto que tem uma dimensão financeira grande, são 2,5 milhões de euros, é o maior projecto do Programa Aveiro Digital, e com este objectivo primeiro: dotar as câmaras AMRia desta ferramenta de gestão do território e de planeamento; por outro lado, possibilitar aos cidadãos acesso fácil a uma informação que é muito importante para a vida de muita gente, desde logo a informação cartográfica e a informação principal dos planos directores municipais. Estes são os objectivos fundamentais e que depois se misturam com uma série deles que passam pela formação dos recursos humanos na área de informática de cada uma das câmaras municipais. Este projecto serve ainda como plataforma sobre a qual assentam outros projectos, como o AmbiRia e o SecurRia, que são plataformas de informação sobre questões de segurança ao nível dos Sistemas Municipais de Protecção Civil e sobre questões dos parâmetros ambientais e que assentam o seu funcionamento sobre a plataforma do SIG.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Por exemplo, o Plano Intermunicipal de Ordenamento da Ria de Aveiro está neste momento em inquérito público, é uma peça complexa e está disponível no sistema SIG. Um dos objectivos que o programa desenhou e que está disponível desde o passado dia 23 de Junho é justamente possibilitar ao cidadão o acesso à informação rápida e rigorosa e propiciando às Câmaras Municipais uma ferramenta de gestão absolutamente fundamental para gerir o território e para gerir por exemplo as revisões dos PDM's.

Qual é a aplicação e utilidade do projecto?

Ao nível do cidadão é o acesso fácil a informação que é complexa. As autarquias, além da cartografia digital, conseguem fazer a gestão dos processos de revisão do PDM feita toda em suporte digital, com a possibilidade de se sobrepor a informação por um mero clicar no sistema. Por outro lado, os SIG que as câmaras estão a desenvolver, têm mil coisas para fazer ao nível da manutenção da base informativa, em termos, nomeadamente, dos investimentos públicos, e também ao nível do desenvolvimento urbano do território.

Quais os problemas que resolve?

Com este tipo de ferramenta estamos a instalar sistemas dentro de cada câmara para que a base de trabalho de gestão do território (cartografia digital) esteja permanentemente actualizada.

Quantas entidades, empresas e pessoas estão envolvidas pelo SIG-Ria?

Temos uma entidade consultora, que é a UNAVE (da Universidade de Aveiro), um parceiro fundamental no desenvolvimento do projecto e na concepção do próprio sistema, há uma conjunto de dezenas de empresas prestadoras de serviços, vendedoras de equipamento e de formação que estão envolvidas no projecto; todo este projecto é gerido por uma equipa técnica e depois participam as equipas técnicas (normalmente duas pessoas) de cada câmara municipal.

Em que fase está o projecto?

O projecto tem o seu desenvolvimento em três anos e estamos a meio. Até aqui foi instalado toda a capacidade técnica em termos de equipamento e aplicações informáticas no nó central da AMRia e nos nós locais em cada uma das onze câmaras. Foi iniciado o trabalho de formação dos planeadores e dos informáticos, que vai continuar até final do projecto e na semana passada foi feita a primeira disponibilização pública da informação base do sistema.

É, portanto, um projecto para manter?

Absolutamente. É uma capacidade técnica muito importante para a gestão do território, pelo que a sua continuidade no final do projecto está absolutamente garantida e julgo que a maior parte das câmaras chegam ao fim com a conclusão facilmente tirada de que é uma ferramenta importantíssima para a gestão dos seus territórios.

Quais os impactos do projecto?

Esta capacidade acrescenta muito valor, muita eficiência na gestão do território, que é de igual interesse de uma câmara municipal ou de um cidadão ou de um investidor.

Precisa de mais investimento em TIC?

Nesta fase não. O grande investimento em termos financeiros ao nível do equipamento está feito. O que temos pela frente é investimento ao nível da formação dos recursos humanos.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Obviamente. Este programa é um grande exemplo ao nível da descentralização, que só tem ganhos, ao nível da cooperação institucional (neste projecto estão mais de 300 entidades a fazer trabalho, duas associações em consórcio a geri-lo), a participação da Universidade de Aveiro neste projecto é absolutamente fundamental e dos agentes, entidades da administração pública. É um projecto que mais do que merecer ser amplificado para outras áreas e para o futuro, exige que isso venha a acontecer.

Área de Intervenção 2 – Autarquia e Serviços Concelhios

Projecto Vagos Informa

“Estamos a criar uma nova forma de atender o munícipe”

Rui Cruz, presidente da Câmara Municipal de Vagos, apresenta Vagos Informa, projecto de modernização que visa a criação de um “município digital”

Quais são os objectivos deste projecto?

Mudar todo o sistema informático da Câmara Municipal de Vagos (CMV) e criar uma nova imagem de estrutura de funcionamento para os serviços. Os programas informáticos eram anacrónicos. Estavam desadequados das reais necessidades do conselho, quer no atendimento quer no desbloqueamento e prestação de informações dos processos. Era necessário uma reformulação profunda. Tínhamos intenção de vir para um novo edifício, que é onde estamos hoje (o anterior não dava para instalar esse serviço), e então equacionamos um conceito – back-office, front-office – e implementamo-lo, através da candidatura ao programa Aveiro Digital. No fundo, passa pela modernização dos serviços.

Foram criados novos serviços?

Tem a ver acima de tudo com uma nova forma de prestar serviços que já existiam. Para ter uma noção: os programas que tínhamos no edifício antigo eram rudes e simples. Não permitiam uma interactividade entre o munícipe e o próprio trabalho que estava a ser desenvolvido à volta do processo apresentado. Agora há ainda outro tipo de programas para transitar informação entre departamentos, nomeadamente da Secção de Águas e da secção de Expediente Geral para a Tesouraria. Criaram-se novos modelos, impressos e requerimentos, para facilitar a vida ao munícipe e ao funcionário municipal. Em resumo, novos programas, novos equipamentos, formação – para que o munícipe, quando vem à câmara ou quando quer consultar o processo fora da câmara municipal, possa fazê-lo com qualidade, celeridade e eficiência.

Que problemas resolve?

Dou exemplos: pagar a água, consultar o processo, apresentar um requerimento são tudo soluções que estarão ao dispor. A modernização administrativa do Vagos Informa está projectada com mais duas candidaturas, o Cadastro Digital e o SIG-Ria. Aquilo que pretendemos no futuro – e agora falo só da secção de Obras Particulares – é que alguém, bem longe de Vagos, se quiser apresentar aqui um processo de informação prévia ou de arquitectura, o possa fazer numa base digital, ainda que depois mande pelo correio as necessárias cópias. Porquê? Porque vai ter o seu terreno

disponibilizado em cartografia digital, vai ter todos os instrumentos de planeamento em base digital e vai poder consultar permanentemente o processo.

Tem ideias de quantas entidades e pessoas são envolvidas?

Funcionários são cerca de 60.

E no exterior?

Os 22 mil habitantes de Vagos. Mas a população de Vagos não está formada para aceder. Correram bem os Centros de Internet. Das onze freguesias, oito têm Centros de Internet. Mas quem são os frequentadores? São pessoas mais novas. Os adultos frequentam pouco. Os arquitectos, desenhadores ou engenheiros contratados serão os principais utilizadores. A tecnologia está ao dispor de todos os munícipes, mas nem todos estão formados para aceder.

Quais os impactos na organização? Redução de custos, aumento de receitas, mais eficácia nos serviços?

O projecto só está desenvolvido a 60 por cento. A ideia é tornar o serviço mais célere, eficaz e profissional. Com isso, vem a entrada de receita. Demoram menos a entrar. O que é disponibilizado tem mais qualidade. Entretanto, temos em aprovação um Plano Director Municipal que vem transformar a realidade de Vagos. Aplicando-lhe a tecnologia que está a ser trabalhada, com certeza que as receitas aumentarão. Mas, acima de tudo, o objectivo principal é dar uma imagem nova dos serviços municipais e criar uma nova forma de atender o munícipe.

Quem explora e faz a manutenção do sistema?

Nesta fase, tem sido a autarquia, juntamente com a empresa que ganhou a execução. No futuro, serão quadros da CMV. Estamos a dar formação, em várias áreas, a técnicos que estão em regime de prestação de serviços. É nossa intenção contratar técnicos para o quadro, para que a manutenção mínima seja assegurada pela autarquia.

Tem necessidade de novos investimentos nesta área?

Esta área carece sempre de novos investimentos. Os programas vão-se aperfeiçoando; os equipamentos têm cada vez mais qualidade técnica. Quando se opta por este tipo de ferramenta, à medida que a ferramenta vai evoluindo, há necessidade de fazer a substituição das antigas. Invariavelmente, daqui a três ou quatro anos, temos de adquirir outros equipamentos. Os programas terão melhorado, os requerimentos serão melhorados. Ao darmos a possibilidade aos munícipes de nos darem as suas sugestões, e ao entrarmos em contacto com novas realidades, vamos aperfeiçoando. É próprio da natureza humana caminhar no sentido da perfeição.

Admite candidatar-se a um novo programa?

Com certeza. Áreas como a de Arquivo não foram contempladas. Temos muitas áreas onde ainda é possível avançar com candidaturas “ab initio”. E podemos renovar e aperfeiçoar as três em que estamos envolvidos.

“AVEIRO DIGITAL... MAIS PERTO DE SI” – ESCOLAS E COMUNIDADES EDUCATIVAS

Projecto E-ria

Cartão magnético é o arranque para a concretização de uma secretaria virtual

O projecto E-ria visa os serviços de gestão e administração na rede escolar. A escola José Macedo Fragateiro de Ovar é uma das 46 entidades beneficiárias deste projecto, e Cecília Oliveira, a sua responsável máxima, falou ao PRAÇA PÚBLICA sobre a candidatura e concretização deste projecto e como correu a implementação do cartão magnético e dos quiosques.

Dinis Amaral

Qual o principal objectivo deste projecto?

Penso que o objectivo da generalidade das escolas que estão envolvidas neste projecto foi o de aproveitar um recurso que nos podia ser disponibilizado, por um lado para modernizar os nossos serviços e por outro para uniformizar os procedimentos entre as 46 entidades beneficiárias deste projecto, que são tuteladas pelo Ministério da Educação.

Quais são os novos serviços criados na Escola Secundária José Macedo Fragateiro?

Passámos a ter o cartão magnético, e uma gestão e controlo das receitas e despesas de forma informatizada nos serviços de papelaria, bufete e refeitório. Já tínhamos a gestão de pessoal a ser feita de forma informática e isto vem evoluir um projecto nosso que tem como objectivo a criação de uma secretaria virtual.

Quantos alunos já aderiram ao cartão magnético e de que forma foi implementada?

A totalidade dos alunos teve de aderir ao cartão magnético. Como é o primeiro ano, e não começou no início do ano lectivo, nós demos o cartão magnético a todos os alunos, professores e funcionários. Começámos pelos alunos até a 9º ano porque eram aqueles que pretendíamos ter um controlo mais eficaz das entradas e saídas, já que o horário está indexado ao aluno e ao passar o cartão no sensor a empregada sabe se o aluno tem ou não aulas ou se o pai o autorizou a sair ou não. Outra das razões que nos levou a optar pelos miúdos do ensino prende-se com a realidade de serem mais receptivos a estas novidades. Esta foi a primeira fase e em Janeiro podemos alargar à totalidade dos alunos.

Que impacto teve na comunidade escolar a introdução deste cartão magnético?

Tínhamos alguns receios, mas penso que foi muito positivo. Mesmo ao nível dos funcionários estamos muito surpreendidos, porque as pessoas aderiram e estão a

colaborar de uma forma positiva. No início os quiosques eram alvo de muita procura porque todos quiseram inteirar-se do seu funcionamento e isso foi bom para a implementação do cartão magnético.

Para além do controlo de entradas e saídas, que outras vantagens trás a utilização do cartão magnético?

Essencialmente autonomiza alguns comportamentos e alguns serviços, nomeadamente o fazer o carregamento do cartão, o registar e requerer a refeição autonomamente e o facto de não precisarmos de comprar a senha para ir ao bufete, etc. Isto quer dizer que, não tendo a nossa escola empregados excedentários, certamente alguns estarão menos sobrecarregados e poderão ajudar noutros serviços.

Apesar de ainda estar numa fase de arranque, este projecto precisa de mais investimento?

A nossa escola é um pouco diferente, porque já tínhamos meio caminho andado. Já possuíamos rede em toda a escola e temos a sorte de ter pessoas na casa que souberam fazer e até envolveram alunos. Por exemplo, parte da rede que está instalada subterrânea foi colocada por alunos e professores em aulas de práticas oficiais. Tivemos com isto uma grande ajuda, mas o que hoje é o último grito em tecnologia amanhã já está desactualizada e naturalmente precisará de mais investimento. De qualquer forma, os serviços, na sua generalidade, estão razoavelmente bem servidos.

Voltaria a candidatar-se a este projecto da Aveiro Digital, e porquê?

É óbvio que conseguimos acelerar o nosso processo com esta parceria. Todas as candidaturas têm alguns entraves, têm demasiada burocracia, exigem que os parceiros tenham capacidade de investir para depois ir recuperar, porque não se pode fazer prova que o investimento foi feito e aí não se vai buscar. Mas não é só a esta candidatura que me refiro, é a todas aquelas a que estamos ligados que têm estes requisitos. Mesmo assim temos continuado a recorrer a esse tipo de financiamentos, e apesar da burocracia se houver um projecto apelativo, com certeza que a nossa escola irá aproveitar esse recurso porque não se podem deitar fora.

Aconselha as escolas do nosso país a aderirem a este tipo de projectos?

Todas as instituições que possam aderir a projectos financiados devem fazer, porque ninguém tem “árvores da pataca”.

“AVEIRO DIGITAL... MAIS PERTO DE SI” – ESCOLAS E COMUNIDADES EDUCATIVAS

Projecto Ria.edu

Um novo portal para a comunidade educativa

O projecto Ria.edu (rede intermunicipal de apoio à educação) visa criar serviços úteis para a comunidade educativa. Fernando Delgado, o principal responsável pela ACEAV (Associação da Comunidade Educativa de Aveiro), falou-nos sobre o “portal” criado e apontou as vantagens desta nova ferramenta online.

Dinis Amaral

Quais os principais objectivos deste projecto?

Este projecto visa, essencialmente, criar serviços úteis para a comunidade educativa. São serviços que têm por base a mediação tecnológica e que aproximam a escola da família e os professores dos alunos. Pretendemos estimular estas duas relações através de algumas ferramentas integradas num portal de comunidade educativa que integra as 29 escolas aderentes, entre as 44 entidades envolvidas.

Que ferramentas fazem parte deste portal?

Por um lado temos a caderneta electrónica do aluno, que é um conceito que nós pensamos materializar numa perspectiva escola-família, onde os pais podem saber tudo sobre os sus filhos, inclusive ter uma relação privada com a direcção de turma, etc. Por outro lado, temos uma outra componente, que é a do dossier pedagógico, que visa estimular a relação professor-aluno, que na prática é criar relação tecnológica na relação “sala de aula”. Nesta área já temos trabalhos de casa online, que na prática são recursos de aprendizagem, e também temos a componente da disciplina que engloba todo o material de apoio e todos os dados que poderão existir.

Nesta fase quantas pessoas envolve o projecto?

Isto funciona por anos lectivos. Podemos dizer que neste ano são cerca de 620 alunos, 620 encarregados de educação e 350 professores que estão inscritos no portal.

Que tipo de problemas tenta resolver este projecto?

Penso que resolvemos um conjunto de questões complicadas. É verdade que, do ponto de vista dos encarregados de educação cada vez mais é difícil, por diversos motivos, manter a sua relação com a escola. Assim, com este portal pensamos ter o caminho para combater este problema. Com o dossier pedagógico pensamos que, acima de tudo, serve para manter a relação entre os professores e alunos, ultrapassando a questão espacial e temporal.

Desde 2004, já é possível fazer um balanço deste projecto?

Fazemos claramente um balanço muito positivo. Podemos dizer que lançamos o portal em Fevereiro o portal da comunidade educativa e, neste momento, a média diária de utilização é de 250 utilizadores diferentes, dos quais 160 são alunos, 60 professores e cerca de 30 encarregados de educação.

Este projecto necessita de mais investimento?

Até 2006 temos a situação perfeitamente estabilizada do ponto de vista do financiamento. É evidente que as questões de sustentabilidade nestas áreas são difíceis, mas a nossa expectativa é grande quanto ao alargamento a mais escolas e mais turmas, e naturalmente acreditamos que vamos conseguir outro tipo financiamentos para o projecto.

Voltariam a candidatar-se a este projecto?

Neste momento, face ao balanço positivo que temos, voltaria fazer esta candidatura.

Área de Intervenção 4: Universidade e Comunidade Universitária

Projecto: Contactua

Nesta Área de Intervenção há seis Projectos em curso, com dois milhões de euros em orçamento, envolvendo vários departamentos e serviços da Universidade de Aveiro, participando na sua execução 57 pessoas com um volume de trabalho de 182 pessoas por mês.

Destacam-se a abrangência e complexidade dos objectivos e a qualidade e utilidade dos produtos e serviços em desenvolvimento.

A Formação comprometida vai qualificar directamente 320 pessoas, através de 5280 horas de formação em Serviços e Aplicações e 2160 horas em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

O professor Joaquim Sousa Pinto, da Universidade de Aveiro, explicou o projecto desenvolvido no âmbito do programa Aveiro Digital, que consiste num sistema de contacto e interacção com a Universidade de Aveiro, e adiantou as facilidades que irá trazer à comunidade universitária.

Em que consiste o projecto?

O Contactua pretende ser como uma montra que vai expor os vários subsistemas da Universidade, que funcionam autonomamente. O utilizador vai ter uma conta única, e através dessa autenticação irá entrar nos vários serviços consoante o seu perfil de utilizador. Há vários perfis de utilizador, o do aluno, professor ou funcionário. O perfil do utilizador vai ser o associar dos vários perfis individuais, e o sistema, a montra que é o Contactua, vai ser o portal Internet, que vai agregar os vários serviços dos subsistemas numa interface única.

O acesso a uma conta única é o principal objectivo?

Sim. Outro dos objectivos é expor a universidade ao exterior. Qualquer utilizador poderá criar a sua conta particular, como os órgãos de comunicação social, o aluno prospectivo, sendo um dos principais interesses da universidade chegar aos alunos do 12º ano, e as empresas que querem vender serviços à universidade.

O projecto era uma necessidade?

Este projecto exige uma grande remodelação da própria maneira de pensar da universidade. Vamos ter que interagir com todos os serviços da universidade. Criamos uma agenda electrónica, integramos o correio electrónico, numa única interface, desenvolvemos uma nova aplicação para fazer concursos de documentários, e o Arquivo Bibliográfico Científico. Mas a montra, não está, neste momento, numa fase mostrável.

Quais são os impactos que espera com o avanço deste projecto?

O projecto pretende mudar completamente a maneira de trabalhar da universidade. O impacto pode ser muito grande. A ideia que deve ficar é que o Contactua é uma montra, um espaço alugado a um serviço que vai divulgar informação. Se eu for professor e o sistema detectar que aquela hora eu estou a dar aulas vai dispor as informações de outra maneira. São novos serviços de valor acrescentado que pretendemos criar.

É um trabalho que exige muitas pessoas envolvidas no projecto?

Para além da coordenação, que todos os serviços da universidade estejam a trabalhar para nós.

Quem vai explorar o serviço e quem é que os vai manter?

O Centro de Informática que é quem gere os serviços básicos da universidade. O projecto é um serviço que vai continuar a ser partilhado por toda a instituição.

Voltaria a candidatar se a este programa Aveiro Digital?

É um programa complicado e burocrático. Mas é compensador porque vai permitir alterar a imagem e a forma de trabalhar da academia.

Área de Intervenção 4 – Universidade e comunidade universitária

Projecto Nartural

Entrada – João Lemos Pinto, professor da Universidade de Aveiro, explica o projecto Nartural, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O Nartural pretende implementar produtos pedagógicos para a ciência através da arte

Qual é o principal objectivo do projecto?

Trata-se de um projecto de intervenção científico-artística e tende a promover a observação, a exploração, a fruição e da ciência através da arte. O Nartural tem a ver com a contaminação do natural com «r» e espero que este projecto fique «narturalmente» bem enquadrado dentro do Programa Aveiro Digital.

Quais são os novos serviços aplicados por este projecto?

O projecto envolve os departamentos de física, matemática, biologia e comunicação e arte. Pretende-se com ele promover a elaboração de cinco produtos, que depois terão a ver com serviços científico-artísticos, a saber: na área dos fractais (Departamento de Matemática), na áreas das perspectivas da natureza (Departamento de Comunicação e Arte), nos jogos e ilustrações da natureza (Departamento de Biologia) e a na área das estruturas de informação, dos hologramas e sistemas de memória (Departamento de Física).

Como vai funcionar na prática?

Vamos desenvolver cinco instalações, cinco produtos, que por sua vez vão disponibilizar em suporte digital na web esses trabalhos. Também será interessante verificar que a ideia seria circular as várias instalações pelo distrito de Aveiro para que possamos ter intervenções científico-artísticas de várias faixas etárias, de vários graus de escolaridade, mas também o público em geral.

A ideia será conduzir este tipo de projectos para o público em geral?

Sim, neste momento estou a «negociar» com o serviço cultural da Câmara Municipal de Aveiro para se fazer uma primeira instalação na Casa da Cultura de Fernando Távora de Aveiro, que é um espaço magnífico, onde espero promover uma série de interacções com diversas associações culturais que lá existem.

Qual é a utilidade do projecto?

A observação, a exploração e a fruição em determinados conceitos. Dizer às pessoas que toda a gente pode ser artista e chamar a atenção para diversas questões, como a geometria da natureza, do lado estético da natureza e de outras formas que possam surgir. A ideia será um estímulo à imaginação e à exploração e à fruição.

Que problemas este projecto resolve?

Trata-se mais de proporcionar uma fruição estética, algo diferente, familiarizar-se com algumas questões científicas e disponibilizar às pessoas meios e conteúdos para que possa observar, explorar e fruir algo que ainda não fizeram.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

Há a entidade promotora, o Aveiro Digital, mas a ideia será que toda a comunidade AMRia se envolva no projecto. Internamente estão envolvidos os departamentos de física, matemática, biologia e comunicação e arte.

Em que fase está o projecto?

Começou em Janeiro e a parte de explorar queria fazer-se coincidir com o ano lectivo que se inicia em Setembro próximo, decorrendo, dessa forma, de Setembro a Setembro de 2006, uma vez que o projecto será concluído no final do próximo ano.

Isso significa que no final do projecto, também o «Natural» terminará?

Penso que não, porque haverá a disponibilização no site do Aveiro Digital e esperamos que haja uma terceira edição do programa, mas independentemente disso, estou convencido de que vão ficar produtos que vão ter alguma pertinência e procura.

Quais os impactos do projecto?

O grande impacto que poderá ter será no modo como as pessoas olham para a física, para a ciência, para a matemática e espero que dê algum contrito em especial para estas duas áreas, porque este país bem precisa em termos de desenvolvimento, competitividade e inovação.

Precisa de mais investimento em TIC?

Vai precisar de se fazer a promoção do projecto dentro dos vários concelhos do distrito, sendo necessário haver algum reforço financeiro ou então que as autarquias assumissem todo o apoio logístico.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Certamente. Estou muito satisfeito e espero, apenas, corresponder às expectativas dentro do Programa Aveiro Digital.

Área de Intervenção 4: Universidade e Comunidade Universitária

Projecto: Sinbad

Nesta Área de Intervenção há seis Projectos em curso, com dois milhões de euros em orçamento, envolvendo vários departamentos e serviços da Universidade de Aveiro, participando na sua execução 57 pessoas com um volume de trabalho de 182 pessoas por mês.

Destacam-se a abrangência e complexidade dos objectivos e a qualidade e utilidade dos produtos e serviços em desenvolvimento.

A Formação comprometida vai qualificar directamente 320 pessoas, através de 5280 horas de formação em Serviços e Aplicações e 2160 horas em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

O professor Arnaldo Martins, da Universidade de Aveiro, explicou em que consiste o projecto, que desenvolve um sistema integrado para biblioteca e arquivos digitais, no âmbito do Programa Aveiro Digital, e as facilidades que a comunidade universitária irá ter com a sua utilização.

Em que consiste o projecto Sinbad?

O objectivo é transformar as bibliotecas tradicionais, em que as pessoas pesquisam a bibliografia existente mas não têm acesso aos conteúdos. Com o Sinbad o utilizador no seu terminal é capaz de fazer a pesquisa mas também ter acesso aos conteúdos.

O projecto confere uma maior agilidade e simplicidade às pesquisas?

Torna-as mais simples e leva-as para mais próximo do utilizador. A comunidade universitária, docentes, discentes e funcionários, deixa de ter a necessidade de se deslocar à biblioteca, poupando os livros que não são manuseados tantas vezes.

Quais são os novos produtos e serviços criados com esse projecto?

O acesso a conteúdos digitalizados. No âmbito do Sinbad está prevista a digitalização de teses, artigos científicos e de alguns livros de texto base mais utilizados nas disciplinas com maior número de alunos. Foi integrada a digitalização do espólio de jazz, onde se pode ter acesso às músicas e aos artigos, e servirá para apoiar as aulas de jazz.

Quantas entidades, empresas e pessoas, que são afectadas por esse projecto, de forma interna e externa?

A Universidade de Aveiro, nos seus vários departamentos. A comunidade universitária é o grande beneficiário desse projecto.

Quais os impactos na criação desse valor?

Do ponto de vista material se calhar é um difícil contabilizar, mas espera-se com isso aproximar mais a comunidade universitária e dar mais facilidades.

Quem vai explorar e manter os serviços?

A Universidade de Aveiro que é o contratante único e principal desse projecto. Depois do projecto acabar, a Universidade de Aveiro terá que manter e já tem alguns gabinetes próprios para alimentar o projecto ao longo do tempo.

As expectativas são grandes?

Sim. Há alguma experiência nesse tipo de trabalho. Em termos de tecnologia, as coisas estão a andar. Há aqui um componente que passa ao lado da tecnologia que é a digitalização do acervo. É preciso ter obras digitalizadas e isso é o maior problema, quer na parte da digitalização, quer no custo implicado. Existe dinheiro para a digitalização, mas não chega se imaginássemos digitalizar todo o acervo. Por isso seleccionou-se algumas obras.

Era uma necessidade a digitalização da informação?

Penso que cada vez mais, não só a universidade, mas todas as empresas e organizações sentem a necessidade de preservar o conhecimento.

Voltaria a candidatar-se ao projecto?

É uma pergunta difícil. Do ponto de vista técnico sim, embora seja um programa com bastante burocracia. Do ponto de vista tecnológico, os resultados atingidos serão bons com certeza.

Área de Intervenção 4 – Universidade e comunidade universitária

Projecto Situa

Entrada – Osvaldo da Rocha Pacheco, professor da Universidade de Aveiro, explica o projecto Situa, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O Situa designa um Sistema Integrado de Tele-Trabalho para a Comunidade Universitária

Qual é o principal objectivo do projecto?

O projecto Situa, na perspectiva da cidade digital é visto como um único projecto, mas na perspectiva da Universidade de Aveiro (UA) já é um agregado de cinco projectos, que têm como objectivo comum a promoção e expansão do estímulo do tele-trabalho.

Que novos produtos ou serviços foram criados?

A primeira tarefa-projecto consiste num sistema de gestão documental e de work-flow; o segundo é o sistema de e-learning na UA; o terceiro é o sistema de monitorização e de gestão remota de sistemas e serviços informáticos da UA; o quarto é o sistema integrado de gestão de recursos humanos; o quinto é o projecto de indicadores de gestão; e o sexto projecto consiste num sistema integrado de gestão de infra-estruturas da UA.

O projecto colmata uma série de falhas que a UA tinha neste campo?

A UA antes deste programa tinha estabelecido a sua estratégia e identificado claramente quais eram as áreas de intervenção que eram necessárias para se suprir algumas dificuldades. O aparecimento deste programa permitiu-nos, de alguma forma, avançar mais rapidamente para um conjunto de novos produtos e serviços que pretendíamos implementar.

Por exemplo....

O sistema de gestão documental e de work-flow permitiu, nesta altura, não só a criação de novos serviços ou de novas formas de realizar a gestão dos documentos na UA, mas foi uma oportunidade para a redefinição e optimização de procedimentos, a redefinição de formulários, de minutas, bem como a organização do plano de classificação. O resultado deste projecto vai muito para além da introdução de uma nova plataforma, pois temos toda uma redefinição interna com uma mais-valia clara. Todos os outros projectos tiveram a mesma lógica. Diria que os novos produtos e serviços estão a ser criados numa perspectiva de apoio interno no sentido de ajudar os serviços a mais facilmente poderem gerir pessoas, espaços e criar indicadores.

O projecto resolve alguns problemas da UA?

Com estes projectos temos ferramentas muito mais eficientes que permitem que os nossos quadros façam uma gestão muito mais optimizada dos nossos espaços, da

carreira dos nossos funcionários, dos nossos colaboradores, numa série de áreas de intervenção que estes sistemas nos vêm ajudar a resolver.

Como vai funcionar na prática?

Quando desenhamos os projectos tivemos o cuidado de os pensar em duas vertentes: a do desenvolvimento e implementação do projecto propriamente dito e a da exploração. Tivemos o cuidado de elaborar equipas que permitissem, por um lado, a UA e seus colaboradores, ficassem com o conhecimento tecnológico dos sistemas implementados, que potencia a evolução dos sistemas, e, por outro lado, tivemos o cuidado de integrar na equipa pessoas dos serviços que vão explorar os sistemas. Desta forma, poderemos no futuro alterar em função das necessidades.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

Está toda a comunidade universitária, mas os serviços internos que irão operar com estes serviços o número de pessoas reduz claramente.

Quais os impactos do projecto?

Este é um projecto estruturante para a própria instituição. Todos estes serviços digitais que estamos a criar são claramente serviços estruturantes e vão permitir a optimização do tempo das pessoas. Diria que a UA vai se tornar muito mais eficiente, vamos utilizar melhor os nossos recursos humanos, vamos diminuir custos, tempo associado aos processos, vamos conhecer melhor os nossos processos e vamos ter uma melhor utilização dos recursos da instituição com os claros ganhos que lhe estão associados.

Como pretendem continuar o projecto?

Desde o início tivemos duas preocupações, a de que queremos ficar com o conhecimento dos novos sistemas para podermos intervir neles e queremos que os nossos serviços participassem activamente na fase de especificação e implementação para que eles sejam partes envolvidas para criar melhores serviços digitais e dessa forma assegurámos a sustentabilidade do projecto. Do ponto de vista financeiro, os ganhos de eficiência vão cobrir largamente os custos com a manutenção dos novos serviços.

Precisa de mais investimento em TIC?

Antes do Programa Aveiro Digital, havíamos definido qual era o nosso caminho e estratégia, e estes projectos também fazem parte da estratégia de desenvolvimento da UA. O financiamento surgiu como uma oportunidade única de desenvolver mais cedo estes serviços. Agora, também, já estamos a definir a nossa estratégia para o pós-Aveiro Digital e no final teremos um conjunto de novas ideias e projectos e um novo financiamento seria fantástico para alavancar a nossa estratégia.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Claramente, porque potenciou o desenvolvimento mais rápido de uma estratégia que estava consolidada. Trata-se de um programa bem estruturado que foi ao encontro das nossas ideias e valeu a pena.

Área de intervenção 5 – Serviços de Saúde

Projecto RDSR

Entrada – José António Santos, cardiologista, e Celeste Ribeiro, representante da Sub-Região de Saúde de Aveiro, explicam o projecto RDSR, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital e que designa Rede Digital de Saúde da Ria e pretende aplicar serviços de tele-diagnóstico nos hospitais e centros de saúde da AMRia

Qual é o objectivo do projecto?

É um projecto que visa interligar, em tempo real, os vários hospitais dependentes da Associação de Municípios da Ria e os centros de saúde de forma que se consiga aproximar os profissionais de saúde que trabalham a diferentes níveis, quer dos cuidados primários quer dos cuidados hospitalares, e proporcionando ao utentes um acesso mais facilitado à rede hospitalar.

Na prática como é que este serviço vai funcionar?

Existe um projecto de parceria com a Portugal Telecom e com a Administração Regional de Saúde e os hospitais e centros de saúde em que foram criadas e desenvolvidas plataformas digitais que serão colocadas nos hospitais e centros de saúde intervenientes e através de uma ligação em tempo real os médicos, de um e de outro lado, conversam na presença do utente ou nalguns casos até da execução de exames complementares de diagnóstico com transmissão online dos exames e respectiva discussão do caso pelos especialistas mais credenciados, nomeadamente em especialidades que existem poucas a nível nacional.

Isto implica que o médico esteja sempre ligado ao sistema?

Não. Seria óptimo que houvesse disponibilidade de em qualquer altura e em qualquer momento as pessoas poderem ser contactadas, mas isso na prática torna-se impossível. Haverá um horário estabelecido para se fazer a ligação. Os utentes terão, no seu centro de saúde, tal como têm horário para a consulta, terão a hora de marcação de consulta de tele-medicina.

Qual é a utilidade deste projecto?

Ao aproximar os profissionais e facilitar a «chegada» do doente ao hospital, vai melhorar a prestação dos cuidados de saúde nos cuidados primários, vai interligar mais os hospitais e centros de saúde e vai também fazer com que o número de utentes que cheguem aos hospitais diminua. Vai fazer também com que as despesas com a deslocação dos utentes diminuam.

Quais são os problemas que o RDSR resolve?

Penso que a aposta neste tipo de serviço e de protocolos de actuação poderá colmatar uma série de problemas logísticos, de deslocação do doente, de tempos de espera. Poderemos reduzir significativamente a lista de espera de doentes de primeiras consultas.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

A equipa terá cerca de 80 pessoas, engloba 19 entidades, entre as quais oito hospitais e onze centros de saúde geograficamente dispersos pela área de abrangência da AMRia. Há ainda outros hospitais envolvidos, como o Hospital Pediátrico em Coimbra, os HUC, a maternidade Daniel de Matos e os hospitais de Águeda, Ovar, Estarreja e São Sebastião (Santa Maria da Feira).

Quando é que o projecto poderá estar em pleno?

Trata-se de um projecto que terá etapas. Um dos objectivos do plano é no futuro haver muito mais interligação do que há agora, muitas mais especialidades a estarem interligadas. Penso que esta primeira fase do plano em Outubro estará em funcionamento e no final do ano em velocidade cruzeiro.

É um serviço para manter?

Esperemos que sim. O objectivo primordial da Sub-Região é manter e monitorizar o projecto, sempre com o apoio do Programa Aveiro Digital, sem o qual a execução deste projecto não seria possível. Vamos envidar todos os esforços para que, acompanhando todas as entidades envolvidas, possamos dar persecução a este projecto durante anos e anos.

Vai precisar de mais investimento em TIC?

Olhando para o conjunto da equipa, diria que não.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

À partida, e sem pensar muito, diria que não, porque todas as entidades envolvidas estão espalhadas geograficamente e há sempre uma série de obstáculos para a coordenação de um projecto deste género. Tem sido difícil o acompanhamento deste projecto. Por outro lado, diria que sim, porque considero que este projecto que ainda está em desenvolvimento tem sido uma longa aprendizagem, uma experiência extremamente enriquecedora quer para a Sub-Região de Saúde, quer para todos aqueles que estão envolvidos. É um projecto extremamente ambicioso e aliciante.

Área de intervenção 5 – Serviços de Saúde

Projecto RTS

Entrada – Pedro Afonso, vogal executivo do Conselho de Administração do Hospital Infante D. Pedro, explica o projecto RTS, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto designa Rede Telemática da Saúde e pretende desenvolver um portal regional da Saúde com serviços para o utente e profissionais da saúde

Qual é o objectivo deste projecto?

Ao criar uma rede telemática da saúde, que é algo de inovador em Portugal mas já com algumas experiências internacionais, nomeadamente no Norte da Europa, pretendemos essencialmente agilizar a troca de informação entre os vários prestadores de serviços de saúde, tanto das instituições ao serviço do Sistema Nacional de Saúde como outros que queiram aderir a esta rede. Em termos lineares, diria que é agilizar o sistema através da troca de informação entre os vários prestadores, fornecer informação clínica em tempo útil, informação importante para o diagnóstico, evitar algum desperdício e diminuir a burocracia do sistema.

Para cumprir estes objectivos vai ser criado um portal regional.

Exacto. Vamos criar um portal regional de saúde em que terá uma parte direccionada para o utente, que naturalmente é um actor bastante importante em todo este processo, terá uma parte aberta ao público em geral, em que terá informações genéricas sobre a saúde, e terá uma parte reservada, onde constará informação do próprio utente. Por outro lado, teremos uma outra componente nesse portal, que é reservada a profissionais de saúde e será nessa área que iremos fazer a partilha da informação clínica entre as várias instituições de saúde envolvidas neste projecto.

Haverá um acesso restrito a essa área.

Exacto. Será um acesso que terá em conta todas as normas de segurança e bioéticas em vigor.

Quais são os novos serviços criados com este portal?

O utente poderá, além de informações e de fazer um planeamento da sua saúde, ter acesso na área restrita ao agendamento da sua saúde (quando tem uma consulta marcada, plano de vacinas, etc.). Na área dos profissionais vamos incidir na criação de um processo clínico sumário electrónico regional, em que se partilhará uma informação clínica sumária do doente entre os vários profissionais.

Quais são os principais impactos do projecto?

Temos consciência que iremos mudar de algum modo a forma de trabalhar e a forma das instituições comunicarem entre si. O que queremos é colocar todas as instituições num plano horizontal e colocar o doente no centro. A informação do doente pertence às várias instituições que operam sempre no sentido de apoiar o diagnóstico médico.

Qual é a utilidade do projecto?

A utilidade passa tornarmos o sistema mais racional, a informação mais partilhada e dessa forma estamos certamente a contribuir para uma melhoria do sistema de saúde e das pessoas para o apoio à decisão clínica.

Resolve alguns problemas dos hospitais?

Vai colocar as instituições a falarem entre si e a transferirem a sua informação clínica. Vai permitir a colaboração do Hospital de Aveiro, que é a entidade beneficiária principal do projecto, com a Universidade de Aveiro, que é o parceiro tecnológico.

Que outras entidades estão envolvidas no RTS?

Para além das duas já referidas, está também o Hospital de Águeda e a Sub-região de Saúde de Aveiro com todos os centros de saúde que a ela pertencem. A nossa perspectiva é numa fase posterior do projecto envolver também o Hospital Francisco Zagalo (Ovar), o Hospital Visconde de Salreu (Estarreja) e outras instituições de saúde que queiram pertencer a esta rede. Neste momento, as equipas envolvem ainda 42 profissionais de saúde, que estão a trabalhar no terreno a definir os requisitos de cada um dos serviços que vamos prestar.

Considera ser necessário mais investimento em TIC?

Já foram envolvidos cerca de 250 profissionais em termos de formação informática neste projecto, mas vamos precisar de formação de utilização do portal.

Em que fase está o projecto?

Neste momento, está numa fase fundamental, que é a de definição de todos os requisitos. Já definimos o fluxo de informação que as várias instituições têm, analisámos os processos, definimos os serviços piloto que vamos prestar e neste momento, entre cada serviço piloto estamos a definir as particularidades de cada serviço.

É um projecto para manter?

Certamente. O Hospital de Aveiro considera o projecto bastante importante e estruturante para o hospital e para a região e que pode diferenciar a região de Aveiro em termos nacionais pelo cariz inovador que ele traz em termos de panorama de saúde nacional. O nosso objectivo é constituir uma associação com os parceiros actuais do projecto e com outros que se queiram associar de modo a dar continuidade ao projecto.

Quando é que o portal já poderá estar operacional?

O nosso objectivo é que no início do próximo ano já esteja alguma coisa disponível.

Voltaria a candidatar-se ao Aveiro Digital?

Naturalmente. Esta é uma oportunidade única de fazermos algo estruturante para o sistema de saúde, para o hospital e para todos os centros de saúde.

“AVEIRO DIGITAL... MAIS PERTO DE SI” – SOLIDARIEDADE SOCIAL

Projecto: AMRIASocial

A solidariedade à distância de um clique

www.bussocial.org é o novo endereço electrónico de um portal inteiramente dedicado às questões relacionadas cm solidariedade social. “Eu apoio, eu dou, eu participo e eu preciso” são os quatro passos a concluir para o projecto passar a trabalhar definitivamente a 100 por cento. Quem o garante é o responsável pelo projecto Juan Carlos Martis, o principal dinamizador da ideia.

Dinis Amaral

Qual o principal objectivo deste projecto?

Este projecto foi desenvolvido pelas entidades parceiras que se dedicam à solidariedade social. A ideia surgiu essencialmente porque achámos que deveria ser dada a oportunidade às pessoas de serem solidárias, porque muitos gostam de ajudar e não sabem como. Por isso criámos este portal (www.bussocial.org).

Que eficácia tem tido o portal nesta fase?

Para já o grupo de pessoas aderentes ainda é pequeno, mas queremos alargar os horizontes ao nível nacional e aí ninguém vai parar este portal.

Que tipo de serviços estão criados com este portal?

A nossa ideia é reunir com este portal todos os tipos de solidariedade. Quando tivermos os quatro passos que consideramos importantes, que são “eu apoio, eu dou, eu participo e eu preciso”, então o projecto estará a trabalhar a 100 por cento. Quem quiser ser solidário, neste portal encontra todas as formas de o poder ser. No banco do tempo, por exemplo, as pessoas podem ver a quem, dentro da sua disponibilidade, podem ajudar e de que forma.

Que impacto que já teve a criação deste portal?

Posso dizer que em apenas 15 dias temos já algumas campanhas a decorrer. Agora passámos à fase da divulgação na comunicação social para nós sabermos o que as pessoas pensam e aquilo que podemos vir a fazer com este portal. Já tivemos opiniões de pessoas de Lisboa, por exemplo, e é esse o nosso objectivo agora. Reunir o máximo de informação para servirmos melhor.

Quem vai explorar e manter viva a chama deste portal?

Há uma questão fundamental que se prende com a credibilidade deste portal. Nesta situação tudo está salvaguardada e é o próprio portal vai fazer uma distribuição de acordo com as prioridades.

Seria necessário fazer mais algum investimento neste projecto?

O nosso projecto está praticamente desenvolvido. Em termos de equipamentos das instituições está praticamente tudo assegurado. Daqui para a frente sabemos que vão existir outras despesas, mas a partir de 2006 tenho a certeza que outras empresas e câmaras municipais irão querer aderir ao nosso projecto.

Voltaria a candidatar-se para desenvolver um projecto desta natureza?

Sem dúvida. Para já é um desafio extraordinário e depois porque são as nossas instituições que estão à frente deste portal. Ser solidário é uma forma de estar na vida.

“AVEIRO DIGITAL... MAIS PERTO DE SI” – SOLIDARIEDADE SOCIAL

Projecto: ESTAR

Todos têm direito à modernidade

A CERCIMIRA é a principal beneficiária do projecto ESTAR da Aveiro Digital. Vítor Seixas é o responsável pelo projecto que diz existir essencialmente para permitir às crianças com dificuldades o acesso à modernidade.

Dinis Amaral

Qual o principal objectivo deste projecto?

Este projecto tem por finalidade criar conteúdos digitais adequados aos currículos de crianças com dificuldades, daí chamar-se “projecto ESTAR conteúdos pedagógicos acessíveis”.

Como é que o processo se desenvolveu?

Ao abrigo do projecto, contactámos uma empresa de conteúdos e um técnico dessa empresa veio às duas instituições beneficiárias do projecto da Aveiro Digital estudar com os nossos técnicos os currículos necessários aos vários grupos de crianças. Depois foi necessário transformar os currículos académicos em currículos digitais, para que o acesso e a compreensão sejam muito mais simples, podendo assim tirar daí resultados francamente melhores do que simplesmente teóricos.

Quais foram os novos serviços criados para esse fim?

Tivemos que criar um “Espaço Internet” em cada instituição, foi necessário formar os técnicos para que possam trabalhar com aqueles conteúdos e agora temos a oportunidade de dar competências básicas aos nossos formandos, no sentido de, em primeiro lugar para eles brincarem, e em segundo lugar para aqueles que tiverem maiores capacidades proporcionar-lhes uma maior facilidade de integração no mercado de trabalho.

Que impacto teve o projecto nestes seis meses de “vida”?

Tem sido muito positivo. O projecto dura até 2006, mas nós já temos tudo praticamente concluído. O nosso “Espaço Internet” já está a funcionar, a formação está totalmente dada e os conteúdos estão praticamente todos elaborados. Portanto, com um ano de avanço nós vamos ter o projecto realizado. Quanto à questão financeira da Aveiro Digital, em apenas seis meses temos cerca de 50 por cento da execução financeira feita.

Que balanço faz deste meio ano de projecto?

Até agora é bastante bom. Ainda não temos tudo completamente pronto, mas confiamos que a adesão vai ser de 100 por cento.

Voltaria a candidatar-se a este projecto?

Voltava a candidatar-me, não só a este, mas outro tipo de projectos. Nós já somos parceiros em alguns outros projectos e temos convites para participar num projecto também POSI, mas de âmbito nacional.

Área de Intervenção 6 – Solidariedade Social

Projecto Includnet, Centros e Serviços de Info-Inclusão

“Queremos diminuir o número de info-excluídos”

Áurea Baptista, da Associação de Solidariedade e Acção Social do Silveiro, fala do projecto Includnet. Além de Oliveira do Bairro, onde está sediada a associação promotora, o projecto abrange os concelhos de Aveiro, Vagos e Sever do Vouga, através das seguintes instituições: Associação de Amigos de Perrães, Centro de Formação e Cultura da Costa do Valado, Centro Social e Paroquial de Santo André – Esgueira, Comissão de Apoio Social e Desenvolvimento de Santa Catarina e Fundação Bernardo Barbosa Quadros.

Quais os objectivos deste projecto?

O grande objectivo é a criação de condições de inclusão e participação de população desfavorecida, como é o caso de mulheres, crianças em risco e idosos – grupos socialmente desfavorecidos. Pretendemos fazer acções de sensibilização e formação e criar acessibilidades especiais às TIC, dentro e fora das instituições.

Quais os produtos e serviços criados com este projecto?

Em primeiro lugar, uma sala multimédia em todas as IPSS do projecto, equipadas com computadores em rede, com Internet e software próprio. Está a ser desenvolvido um portal para o projecto, com diversos serviços na web.

A sala multimédia já está em funcionamento?

Há salas em todas as instituições. E já estão a decorrer as formações em cada instituição. Acabámos agora o primeiro bloco de formação, que incluiu Introdução ao Windows, Word, e Internet e Correio Electrónico.

Qual a aplicação e utilidade deste projecto?

Permite ao público que use produtos e tenha formação dentro da instituição. Relativamente ao portal, permite pesquisa, comunicação e participação deste público na sociedade de informação. Tem um motor de busca, sites seleccionados, notícias e agenda das instituições e um back-office de actualização dos dados das instituições. O projecto permite, por exemplo, que os idosos contactem os seus familiares no estrangeiro através da Internet. Os idosos estão curiosos sobre como vão conseguir isso.

É um grande factor de motivação para a população idosa?

Sim. Os idosos já têm alguma sensibilidade para a informática. Os idosos são cativados por esse aspecto.

Que problemas este projecto resolve, que benefícios traz?

Passará pela diminuição do número de pessoas info-excluídas, através do fornecimento de condições de acesso facilitado às novas tecnologias: equipamento, formação e serviços adequados. Como o projecto abarca principalmente pessoas que têm dificuldade de acesso às TIC, vai precisamente colmatar essas falhas. Têm dificuldade de acesso não só por questões monetárias, mas também devido à ausência de conteúdos do seu interesse, à falta de cultura tecnológica, falta de visão, audição ou pouca destreza em manusear o rato e o teclado. Com o portal queremos diminuir a solidão de pessoas com dificuldades de locomoção. Será um ponto de encontro virtual de pessoas com as mesma idade e interesses, sem andarem perdidos na teias da Internet.

Quantas entidades estão envolvidas?

Somos seis. Todas têm salas em funcionamento.

Quantas pessoas estão envolvidas?

O projecto abrange um leque diversificado de pessoas e regiões, desde funcionários a utentes (crianças e idosos) e ainda outras pessoas da comunidade a quem é dada formação, em Oliveira do Bairro, Santa Catarina (Vagos), Mataduchos (Aveiro), Sever do Vouga. É uma área muito abrangente. É difícil quantificar o total de pessoas envolvidas.

O factor extra de os idosos poderem falar com familiares no estrangeiro foi a grande surpresa? Esperava maiores reservas?

Não surpreende a resistência dos idosos às novas tecnologias. Eles acham que não é nada para eles. Mas ficaram surpreendidos com a possibilidade de contactar e vizualizar familiares no estrangeiro. Foi a grande novidade para eles. Com o telefone, falam mas não vêem. O que os cativou muito foi poder falar e ver ao mesmo tempo. Admirou-me haver um grupo que aderiu tão bem por essa razão.

Que impacto espera que projecto possa trazer?

O caminho para a competitividade está na formação e qualificação das pessoas. Este projecto, com a requalificação de recursos, permite aumentar a eficiência para a qualidade do trabalho. O projecto vai nesse sentido, porque também dá formação aos pessoal das instituições.

Quem assegura os serviços?

As formações são dadas a funcionários de cada instituição, que posteriormente transmitem os conhecimentos aos colegas e aos utentes.

Para lá deste projecto, a associação precisa de mais investimentos nesta área das novas tecnologias?

Pensamos que sim. Queremos ter tudo em rede, nomeadamente na área da saúde, dos técnicos sociais e psicólogos, ter tudo em interligação. A evolução da instituição passa por aí. Como é óbvio, é difícil uma instituição de solidariedade social investir sozinha

na área da informática. Este projecto trouxe-nos uma mais valia em termos de equipamento e formação. Esperamos poder continuar noutras áreas.

Área de Intervenção 6 – Solidariedade Social

Projecto ISSI, Inclusão Social na Sociedade da Informação

“Ferramentas imprescindíveis na área da solidariedade”

José Alves, presidente da Cáritas Diocesana, apresenta o Projecto ISSI – Inclusão Social na Sociedade da Informação. Participam neste projecto, além da Cáritas, as instituições Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, Associação de Solidariedade Social de Alquerubim, Santa Casa da Misericórdia de Águeda, Lar do Divino Salvador (Ílhavo), Obra do Frei Gil, Associação Humanitária Mão Amiga, e Associação de Defesa e Apoio à Vida, abrangendo os concelhos de Aveiro, Albergaria-a-Velha, Águeda, Ílhavo, Mira e Oliveira do Bairro.

Em que consiste este projecto?

É um projecto que visa a inserção de pessoas desfavorecidas, info-excluídas, na áreas das novas tecnologias, da informática e da comunicação pela Internet.

O objectivo principal é então proporcionar esses serviços aos mais desfavorecidos?

Exactamente, a pessoas info-excluídas, a pessoas idosas e crianças que não terão essas possibilidades nos seus meios particulares. Trata-se de diminuir a info-exclusão através de instalação de equipamentos nas instituições, realização de acções de sensibilização e formação que complementem a intervenção social das instituições e criação de competências básicas em tecnologias da Informação e comunicação (TIC) dos técnicos e da população-alvo.

Em que fase está o projecto?

Estamos na fase final da instalação. Alguns centros já têm equipamento e os restantes, ainda esta ou na próxima semana, ficarão com os equipamentos instalados. Entretanto também temos o sítio na Internet deste projecto. Está em fase de elaboração mas já pode ser consultado em www.edulearn.pt/issi.

Estamos a falar de quantos centros de acesso?

Abrangemos oito instituições, com nove centros, sendo que duas instituições têm dois centros e uma não tem nenhum: a ADAV, cuja vocação está centrada na sensibilização e dinamização.

Quando estes centros estiverem em funcionamento, estarão de portas abertas diariamente?

Sim, dentro de horários a estabelecer.

Sentiram que essa era uma necessidade da comunidade?

Sim. Daí a adesão que teve por parte das entidades envolvidas, cada qual ao seu nível, no seu meio, quer das crianças, quer das pessoas idosas, e em situação de exclusão social.

São as pessoas que pedem?

Também, mas passa mais pelos responsáveis das áreas. As pessoas em si, nem tanto. Em situação de exclusão social, nem se apercebem da realidade que as rodeia. Ouvem falar, mas... As

entidades que as apoiam é que têm mais sensibilidade para aquilo que lhes será útil e que lhes será possível proporcionar.

Temos várias centros espalhados pela região de Aveiro. Como foi feita a selecção para a formação deste consórcio?

Houve a iniciativa do projecto, foram contactadas diversas instituições que trabalham diariamente com situações de exclusão, de crianças, idosos, mulheres em situações desprotegidas, pessoas em situações de exclusão. Foram contactadas diversas instituições da região. Umas disseram sim. Outras responderam afirmativamente, mas depois tiveram de abandonar, por falta de meios, e chegamos à fase do arranque com estas instituições.

Passou a fase de instalação...

Sim, estamos a entrar na de utilização pelos utentes.

Que mais valias espera que este serviço dê à comunidade?

Em primeiro lugar, que as pessoas reconheçam o dom que é a comunicação nos dias de hoje, principalmente nesta área da informática e da Internet. Depois, o nosso grande objectivo é que isto não pare. Que cada centro continue para além do projecto, que continue a dar esse apoio aos utentes que neste momento vão ter acesso a ele.

Esse é o grande desafio.

Sim, dar continuidade.

A manutenção destes serviços é assegurada pelas entidades do consórcio.

Exactamente. A Cáritas Diocesana tem a seu cargo a gestão, mas a implementação e execução dependem de todas as instituições envolvidas.

A Cáritas Diocesana sente necessidade de mais investimentos nesta área?

Sentimos e estamos para aí virados. Em paralelo, somos participantes no Balcão Único de Solidariedade Social, que embora com características diferentes, também proporciona uma melhoria dos serviços sociais.

Na área da solidariedade, estas ferramentas são imprescindíveis, como meio de trabalho para as entidades, como meio de os utentes – aqueles que se encontram mais vulneráveis socialmente – terem acesso a um pleno exercício da cidadania e como forma de a sociedade em geral ficar a saber o que somos e fazemos para que possa participar e colaborar.

A Cáritas Diocesana voltaria a candidatar-se?

Sim, é oportuno; e, a partir deste projecto os utentes poderão colher frutos.

Área de intervenção 6 – Solidariedade Social

Projecto SAD_SOS

Entrada – Manuel Arcêncio da Silva, provedor da Santa Casa da Misericórdia da Murtoza, explica o projecto SAD_SOS, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital e que designa Serviços de Apoio a Idosos em Situações de Risco

Qual é o principal objectivo do projecto?

Trata-se de um projecto complementar de outras actividades que a Santa Casa já tem na área de apoio a idosos nas suas casas e aquilo que se pretende com ele é facultar aos idosos, que estão num grau de dependência e isolamento algum equipamento básico e relativamente acessível de telefonia para conseguirem contactar a Santa Casa a qualquer hora.

Trata-se de um «piquet» que vai funcionar 24 horas por dia...

Exacto. É um grupo de quatro pessoas que foram formadas na área do atendimento e no atendimento a idosos, cuja função é estarem disponíveis 24 horas por dia para atenderem esse tipo de situações. Inclusivamente, durante a noite, se houver uma situação de emergência ou encaminharem imediatamente para os bombeiros a chamada para que a pessoa possa ser socorrida ou deslocarem-se lá para tentar algum problemático, algum sofrimento, alguma dor de isolamento que os idosos têm.

Esta é uma lacuna nos serviços que a Santa Casa prestava? É um serviço inovador...

No nosso meio é perfeitamente inovador. Outras Misericórdias têm outras experiências algo diferentes com ligações à Cruz Vermelha, mas nós optámos por ter um serviço mais personalizado, exactamente porque percebemos pela triagem que temos feito ao longo dos quatro anos que já temos o apoio domiciliário a funcionar, que o grande problema das pessoas é conversar. Há uma dependência emocional, psicológica muito mais do que propriamente uma urgência médica.

É uma realidade neste concelho, esse tipo de necessidades?

A Murtoza é, ao nível do distrito e até nacional, dos concelhos em que a rácio de idosos é, se não for a mais alta a nível nacional, é das mais altas que existem.

Este projecto pretende prestar apoio domiciliário nocturno.

Sim, esse é uma outra complementaridade que está neste momento a ser equacionada e estudada relativamente a apoios financeiro, porque são precisos recursos humanos neste tipo de valências que têm custos muito elevados. Isto porque não é possível nem saudável institucionalizar os idosos, o lar como lar deve ser para pessoas de grande dependência física, o resto tem que se tratado ao nível de suas casas, porque quando se tira um idoso de sua casa para vir para um lar, há uma violência muito grande sobre ele. Eles aceitam, porque não têm outra solução, mas nota-se que ficam muito infelizes durante algum tempo, porque deixam aquilo que conhecem, os cheiros e sentem-se relegados para um plano de pré-morte. Portanto, quanto mais tempo as

peças pudermos estar as suas casas, creio que terão uma qualidade de vida melhor, desde que tenham todos os apoios necessários.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

Aquilo que o Aveiro Digital nos permite é a componente tecnológica, porque permite que tecnologicamente consigamos resolver a questão, que é ter uma central digital devidamente programada e preparada para receber este tipo de chamada, uma triagem automática, ter um software que identifique de imediato quem é a pessoa que telefonou, mesmo que a pessoa não consiga falar por qualquer motivo e depois ter a tecnologia do outro lado – em casa dos idosos – que ainda está ligeiramente atrasada relativamente à nossa calendarização, que permita que os idosos ao toque de um botão consigam entrar imediatamente em contacto com a Santa Casa.

Quantas pessoas estão afectas pelo projecto?

Em termos dos idosos, estamos a apontar, para esta primeira fase, para 30 idosos e esperamos que no fim do projecto consigamos ter pelo menos 60.

Isso significa que há muita gente a precisar deste tipo de apoio.

Sim, nós temos aqui no lar 80 idosos e lá fora 300. Com o tempo, as famílias que estão longe acabarão por sentir que têm que ter alguma solução para eles. Estes 30 iniciais são aqueles que não têm família, estão completamente sozinhos e confiantes no trabalho da Santa Casa. A partir daí vamos tentar atingir os outros que têm algum tipo de rede, mas que a rede não está presente. Esta não será a solução, mas é uma hipótese.

Internamente também envolve muita gente...

Internamente, os recursos da Santa Casa são sempre alocados a todos os projectos a cada momento, mas a tempo inteiro estão cinco pessoas, quatro licenciadas no «call center» e a directora do lar que faz a coordenação de todo o projecto.

Que impactos prevê para este projecto?

Não podemos dizer que isto vai ter um impacto brutal na sociedade, mas esperamos que no que aos idosos diz respeito eles se sintam um pouco mais acompanhados à noite. Se isso acontecer já valeu a pena.

Em que fase está o projecto?

Estamos na fase de instalação dos equipamentos nas casas dos idosos.

Precisa de mais investimento em TIC?

Sim, as pessoas que estão na central já tiveram uma parte da formação, agora vão tendo formação contínua a nível de aplicação informática, da mesma adaptação dessa aplicação e vai haver alguma formação relativamente aos idosos.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

O projecto que candidatámos é o mais pequeno do Aveiro Digital, pequeno em volume de dinheiro e em dimensão do que quer abranger. Sabendo o que sei hoje, faria um projecto bastante mais abrangente e ousado para tentar fazer uma cobertura muito maior e mais rápida do concelho.

Área de intervenção 6 – Solidariedade Social

Projecto SAISS

Entrada – Carlos Ventura, técnico de serviço social e representante da APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) de Aveiro explica o projecto SAISS, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que designa Sistema de Apoio às Instituições de Solidariedade Social

Qual é o principal objectivo do projecto?

O projecto é constituído essencialmente por Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e consiste na introdução, nessas instituições e noutras que futuramente aderirão, de novos serviços e procedimentos baseados em tecnologias de informação e comunicação (TIC), com vista a um aumento da qualidade de serviços e racionalização de recursos.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Para além da componente de formação e certificação em TIC, transversal a todos os projectos, os novos produtos criados são: Processo Electrónico do Utente (PEU), Sistema de Informação para a Deficiência e Idosos (SIDEI), Sistema de trabalho Colaborativo (STC) e o Sistema de Suporte ao Apoio Domiciliário (SSAD).

Na prática vai funcionar como?

O PEU é um sistema que visa o armazenamento e integração de toda a informação relativa ao utente, em formato digital. Desta forma, garante-se um acesso e troca de informação mais facilitados. O SIDEI é sistema, baseado num portal web, com objectivo de congregar informação pertinente e útil para a população em geral, na área de deficiência e idosos. Neste sistema poderão ser encontradas informações sobre as instituições, nomeadamente contactos, recursos, vagas, competências, legislação, entre outras. O STC tem essencialmente duas vertentes: a primeira pretende a introdução da gestão documental e metodologias de workflow, ao nível das IPSS; a segunda visa a agilização da comunicação entre as instituições e a entidade que as tutela, ou seja, a Segurança Social. Finalmente, o SSAD pretende constituir-se como uma ferramenta de planificação e gestão ao nível do apoio domiciliário, de forma a garantir uma maior eficácia deste serviço.

A APPACDM teve que se adaptar a esta nova realidade?

Este projecto resulta de uma parceria em que a APPACDM é a entidade beneficiária principal, mas estão envolvidas várias outras IPSS's, bem como a Universidade de Aveiro e a Segurança Social de Aveiro. É, portanto, um projecto que vai alterar não só os procedimentos ao nível da APPACDM, mas de todas as entidades envolvidas no consórcio e de todas a que a ele vierem a aderir.

Quais os problemas que resolve?

Com este projecto pretendemos melhorar a qualidade do serviço que é prestado ao utente e para tal identificámos quatro grandes problemas que o projecto vai resolver: humanizar os serviços, libertando os técnicos de tarefas rotineiras e de reduzido valor acrescentado; aumentar os mecanismos de controlo/monitorização, com o objectivo de garantir serviços de qualidade, ao nível do apoio social; melhorar as competências profissionais através da formação em serviços e aplicações e certificação em competências básicas em TIC; finalmente, porque achamos importante – dada a grande lacuna que existe nesta área – disponibilizar informação útil na área da deficiência e idosos a profissionais e população em geral (por exemplo, utentes e/ou familiares).

Este projecto envolve quantas pessoas?

Ao nível interno, para além das seis instituições (Universidade de Aveiro, Segurança Social de Aveiro, CERCIAV, Santa Casa da Misericórdia de Aveiro e Oliveira do Bairro, União Distrital das IPSS's de Aveiro, o CASCI e o Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Nazaré) que fazem parte do consórcio SAISS, pretende-se disseminar os produtos desenvolvidos a pelo menos uma instituição por município da AMRIA, prevendo-se que os novos serviços possam afectar cerca de 3700 pessoas, entre utentes/familiares, profissionais, voluntários e dirigentes.

Em que fase está o projecto?

Neste momento, tem alguns produtos e serviços que estão praticamente terminados. Ao nível do PEU demos uma especial ênfase para que fosse o primeiro produto a ser terminado, porque é transversal a todo o projecto. Paralelamente todas as outras soluções estão em desenvolvimento e em 2006 estarão concluídos

Quais os impactos que este projecto poderá ter?

O desenvolvimento destas soluções implica a normalização e sistematização de procedimentos ao nível da prestação de cuidados na área social, que contribuirá para optimização dos serviços prestados. Assim, haverá uma redução de custos e tempo ao nível de recursos humanos, que representam o encargo muito significativo para as instituições.

Quem vai explorar os serviços e quem os vai manter?

Por um lado, as instituições ficarão dotadas de um conjunto de infra-estruturas e serviços que obviamente explorarão e terão todo o interesse em manter para além de 2006. Paralelamente, o consórcio resulta de parcerias que vêm desde 1998 e que julgamos não terminarão com o projecto.

Precisa de mais investimento em TIC?

Considerando que este projecto representa um ponto de partida, e não um ponto de chegada, serão necessários mais investimentos, no que respeita, por exemplo, à utilização das TIC pelos próprios utentes, através da produção de conteúdos adaptados às necessidades desta população.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital ?

Sim, porque está a valer a pena este trabalho e esforço, que já vai quase em dois anos. Queria realçar a parceria que me parece um dos aspectos importantes deste projecto, porque colocar num trabalho conjunto uma série de instituições tão diferentes é uma mais valia muito grande que este projecto trouxe.

Área de Intervenção 7: Tecido Produtivo

Projecto: Abdigital

Esta Área de Intervenção tem como grande objectivo a modernização das Empresas da Região para aumentar a sua eficiência e competitividade.

Estão em execução 32 projectos, com um orçamento total de 3,2 milhões de euros, envolvendo 33 Entidades Beneficiárias, onde participam directamente 130 pessoas com um volume de trabalho de 1299 pessoas por mês.

A Formação, embebida nos 32 projectos, vai qualificar directamente 3036 pessoas, através de 38940 horas de formação em Serviços e Aplicações e 26070 horas em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Secretário-geral da Abimota, Paulo Rodrigues, explica os benefícios que o projecto Abdigital, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, irá trazer.

Qual o objectivo do projecto?

A modernização da associação, através da fidelização dos clientes e prestar um melhor serviço aos associados e clientes.

É uma forma de minimizar a burocracia e os custos?

Há aspectos burocráticos que vão ser sensivelmente reduzidos, mas sobretudo é uma forma mais moderna e rápida dos nossos clientes e associados terem acesso aos nossos serviços e ao resultado de ensaios dos processos pedidos.

Quais os produtos e serviços criados?

Todos os serviços da associação passam a ter algum componente disponível on-line através do front-office.

Qual é a aplicação e utilização?

Internamente passa pela melhoria da comunicação entre a área de serviço dos laboratórios e a área comercial, e uma maior colaboração entre a área associativa e de formação. Também se aplica aos fornecedores e aos formandos que recorrem aos serviços da associação. Há uma integração dos diversos perfis de utilizador da associação e do laboratório de ensaios, que passa a ter uma plataforma on-line disponível com acesso a informação para esses serviços e produtos.

Quais os problemas que resolve?

O tempo no acesso às informações e uma melhor produtividade em relação a alguns dos resultados. Nos processos produtivos, uma melhor rapidez nos resultados traduzida em menos tempo na procura de soluções alternativas. Há também uma melhoria substancial possível na competitividade.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas no projecto?

Há uma diversidade de entidades que são beneficiadas. Clientes são mais de 150, formadores recorremos a cerca de 100, os associados atingem as 80 empresas e mais de 1500 formandos já recorreram aos nossos serviços.

Quais os impactos que provoca?

Temos a expectativa de aumentar o número de clientes em cerca de 25%, valor igual para o aumento de número de ensaios. Na produtividade interna o objectivo é aumentar 30%. Na redução de custos operacionais internos o objectivo é entre os 40%. Procuramos que esse projecto não ficasse apenas em intenções e tivesse objectivos ambiciosos mas alcançáveis em termos de melhorias.

Quem vai explorar esses serviços e quem os vai manter?

Vamos tentar que os nossos clientes e associados mantenham o serviço, mas o objectivo é alargar essa base porque algumas dessas soluções vão permitir o aumento de produtividade.

Precisa de mais investimento em TIC? Voltaria a candidatar-se?

Se calhar melhorariamos algumas coisas em termos de propostas e acho que fomos sendo mais exigentes na medida em que o processo foi evoluindo. Acho que as Tecnologias da Informação e Comunicação são indispensáveis numa empresa e a necessidade de desenvolver produtos nessa área e de acompanhar os serviços tradicionais com essa componente é indispensável.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Braxen, antecipando o Futuro

André Ribeiro, coordenador, e João Vilarinho, responsável pelo Dep. Comercial e Marketing da Braxen, dão a conhecer o projecto “Braxen, antecipando o Futuro”, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto criou Serviços de Back-Office e Gestão Integrada nesta empresa da Gafanha da Nazaré, que se dedica à investigação e desenvolvimento de electrónica

Qual o objectivo principal deste projecto?

André Ribeiro: Este projecto assenta em gestão informática, digital, de toda a nossa gestão comercial, gestão de economato, gestão dos projectos, de equipamento. Tudo isto assenta numa plataforma web, a nossa “Intra”[net], em que, aqui ou em qualquer sítio, podemos aceder, ver, inserir novas mensagens, novos desenvolvimentos que estejam a ocorrer num projecto qualquer.

Quais os novos produtos e serviços criados?

Uma plataforma web em que temos toda a gestão da nossa empresa. Como a nossa empresa é jovem, foi muito simples passar de gestão tradicional de “papéis para um lado e para o outro” para uma plataforma web onde tudo é feito pela web, incluindo facturas e toda a gestão dos projectos.

Acabam-se os papéis?

Basicamente. Há apenas a correspondência que nos é enviada. E é claro que emitimos facturas em papel, mas via web. Podemos emitir aqui ou na China. Em termos de gestão, está tudo on-line.

Qual a principal utilidade deste projecto?

É criar um ambiente de gestão que, quando é por papelada, não é tão rigorosa. Sempre que é estabelecido um contacto comercial ou técnico, relativamente a um projecto, tudo isso é inserido na intranet, para que eu ou qualquer outra pessoa da empresa estejamos sempre a par dos projectos, da parte comercial ou de qualquer equipamento.

Que problemas deixaram de ter com a aplicação deste projecto?

É muito simples. Quando vou a uma empresa resolver um problema técnico, estou na empresa, respondo ao que me é solicitado em termos técnicos; ao mesmo tempo, quem está na Braxen pode estar a ver o que foi feito, ver o que foi montado, que o serviço que estou a fazer e pode estar a ver quais serão os custos, para estar ao mesmo tempo em contacto com a outra empresa a dizer que custos que poderá ter. Os papéis são a coisa mais simples de perder, extraviar. Esta gestão acaba com tudo isso.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas com estes novos serviços?

Todos os que estão na empresa são afectados. Todas as pessoas têm acesso à "Intra". A parte técnica, ao lidar com os projectos, tem que ir actualizando os dados. O mesmo se passa com a gestão comercial. Sempre que faz alguma coisa, tem que pôr na Intra, para estarmos todos a par. Externamente, os nossos clientes vão sentir-se muito beneficiados, porque temos uma capacidade de resposta muito rápida com este sistema. O mesmo acontece com os nossos fornecedores. Não precisamos de ir buscar um dossiê que está na prateleira ao fundo da escada, porque temos tudo on-line - uma resposta completamente rápida, que só traz benefícios para nós, para os clientes e fornecedores.

Tem uma ideia dos impactos na criação de valor?

Estamos a prever uma diminuição de custos internos na ordem dos 30 por cento. Estamos a falar de telefonemas, faxes, papéis, contactos, deslocações... tudo isto é evitado.

Também permite uma maior eficiência na organização?

Sem dúvida. O objectivo deste projecto é mesmo esse.

Há perspectivas de aumento de mercados?

Tem que haver. Obviamente que uma gestão assim consegue fazer face a empresas maiores, mas com uma gestão mais vagarosa para o cliente. Se o cliente tiver que optar entre uma empresa que consegue responder muito rapidamente e outra que "só para o mês que vem" é que consegue dizer alguma coisa, vai optar por uma empresa como nós.

Quem vai explorar e manter este serviço?

Todas as pessoas da Braxen têm o dever de o manter.

Precisam de mais investimentos na área das TIC?

A Braxen é uma empresa de tecnologia, que utiliza tecnologia, para fazer tecnologia. É um investimento de que precisamos sempre. Não podemos voltar a utilizar papelinhos para fazer recados. Não é por aí o futuro.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sim. Deram-nos um grande incentivo em termos de gestão. O programa obriga-nos a ter uma gestão financeira e de projectos muito rigorosa. Dá trabalho, mas sabemos sempre qual a situação da empresa, quer seja comercialmente, quer ao nível dos projectos. Isso é ótimo.

João Vilarinho, olhando para a vertente mais comercial, quais são os grandes benefícios do projecto “Braxen, antecipando o Futuro”?

João Vilarinho: São a aproximação entre a Braxen e o cliente ou a Braxen e os fornecedores. Ao adquirirmos uma tecnologia que transformamos na Braxen, através da Intranet que está a ser desenvolvida pelo projecto, temos um maior conhecimento daquilo que estamos a adquirir, da forma como o transformamos e daquilo que vendemos ao cliente. Do ponto de vista do cliente, permite uma maior aproximação à Braxen. À medida que o nosso serviço está a ser desenvolvido para o cliente, este tem uma maior percepção de como está a ser desenvolvido e do que precisamente quer que seja desenvolvido. O nosso lema é servir sempre o cliente e ter uma solução para cada empresa e esta Intranet ajuda a diminuir o “gap” que há entre a Braxen e os clientes.

Têm recebido “feedback” dos clientes?

Há um aumento da satisfação dos nossos clientes, nomeadamente quanto à rapidez da execução e pelo facto de os clientes estarem envolvidos no desenvolvimento do produto. Aumenta os níveis de satisfação do cliente.

Este projecto é importante para o aumento de mercado?

Sim. Maior capacidade de resposta potencia-nos para outros mercados.

Área de Intervenção 7: Tecido Produtivo

Projecto: Com.Web

Esta Área de Intervenção tem como grande objectivo a modernização das Empresas da Região para aumentar a sua eficiência e competitividade.

Estão em execução 32 projectos, com um orçamento total de 3,2 milhões de euros, envolvendo 33 Entidades Beneficiárias, onde participam directamente 130 pessoas com um volume de trabalho de 1299 pessoas por mês.

A Formação, embebida nos 32 projectos, vai qualificar directamente 3036 pessoas, através de 38940 horas de formação em Serviços e Aplicações e 26070 horas em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Carlos Nuno Pereira, da Audiodecor, explicou o projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que desenvolve Serviços de Back-office e Gestão Integrada, e revela as vantagens que o projecto Com.Web irá trazer.

Em que consiste o projecto?

Traduz a necessidade da melhoria dos processos internos e dos processos de comunicação entre a empresa e o cliente, assim como a utilização de plataformas de tele-trabalho, por parte dos colaboradores, em particular pelos técnicos de venda.

Qual é o principal objectivo?

Antes de iniciar o projecto, foi realizada uma auditoria na qual foram detectados alguns pontos que poderíamos melhorar, como a optimização dos processos internos, a gestão documental e a uniformização dos sistemas utilizados. Incluímos uma Intranet, integrada com o processo de implementação de um sistema de gestão de qualidade, que visa a gestão dos processos internos. Detectamos que podíamos melhorar os processos de comunicação com o cliente, onde incluímos uma Internet que possibilita ao cliente o acesso aos projectos. Internamente estamos a desenvolver uma base de dados com informação de todos os nossos spots que temos na rua.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Damos possibilidade ao cliente e ao fornecedor de saber os assuntos da empresa. Por outro lado, a plataforma teletrabalho permite que os funcionários trabalhem a partir de casa.

Quais são os problemas que o projecto resolve?

A nível comercial, permite que apresentemos aos clientes os nossos produtos e serviços de uma forma mais dinâmica, permite ao fornecedor saber o prazo de pagamentos das facturas e permite ao funcionário, a partir da plataforma, mostrar ao cliente como está o trabalho dele.

Passa a haver uma optimização dos serviços?

Sim e obriga-nos a ter a informação toda disponível a tempo e horas para o cliente e cumprir os prazos. Com este projecto há um compromisso da disponibilização de dados, quer de imagem, contabilísticos e outros. Há uma preocupação muito grande com a formação do nosso pessoal.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos serviços de forma interna e externa?

Internamente 11 pessoas, que fazem parte da empresa, e todos os nossos clientes e fornecedores. Será este o grupo que poderá trabalhar nessa plataforma.

Quem vai explorar e manter os serviços?

Todo esse trabalho é feito internamente. A informação é trabalhada por nós, onde cada trabalhador tem o seu papel na empresa e deverá ter a convicção que o trabalho que está a fazer deverá ser posto à disposição do cliente.

Precisa de mais investimentos em TIC? Voltaria a candidatar-se?

A Audiodecor voltaria a candidatar-se porque se trata de um projecto bem executado pela Aveiro Digital. Em relação aos investimentos, diria que sim, porque a tecnologia e a informática não são estáticas.

“AVEIRO DIGITAL... MAIS PERTO DE SI” – TECIDO PRODUTIVO

Projecto: Digipot

Criar interacção na relação cliente/empresa

A 5ª Potência, de Aveiro, é a única entidade beneficiária do projecto Digipot, da Aveiro Digital. Hugo Abranches, um dos responsáveis pelo projecto, falou ao PRAÇA PÚBLICA, fez o ponto de situação e mostrou-se satisfeito pela aposta feita.

Qual o principal objectivo deste projecto?

Nós não temos um objectivo principal. No fundo é a subdivisão em três objectivos: tornar a empresa mais competitiva, melhorar os nossos serviços aos clientes, e por último aumentar o nosso volume de negócios.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Estamos a criar uma plataforma/programa de apoio à gestão. É realmente a mais-valia de peso da nossa participação neste projecto, porque estamos já em fase de testes de um programa que vai permitir toda a gestão contabilística e financeira, mas mais do que isso vai permitir uma interacção entre os nossos clientes e a nossa empresa, criando três níveis de acesso à informação e termos de Internet, Intranet e Back-office.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

A principal utilidade prender-se-á com a redução do tempo no processamento das informações e por outro lado a mais rápida disponibilização dessa informação aos nossos clientes. Como exemplo digo que com a lógica de Back-office que pretendemos instalar vamos minimizar tempo de informação, necessidade de printes, consumo de toner e de papel, e por outro lado permitiremos “on-time” a informação pretendida pelos nossos clientes.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços?

Estamos a falar na ordem das 45 entidades mais seis pessoas.

Qual o impacto na criação de valor?

Dado que ainda estamos numa fase experimental não podemos avançar já com dados. De qualquer forma, e analisando o que nós estudamos com outros exemplos, sabemos que é um projecto que trará muitas vantagens para as empresas nossas clientes e logicamente para nós.

Quem vai explorar e manter actualizados estes serviços?

Sempre a 5ª Potência.

Precisa este projecto de mais investimento?

Ainda recentemente a nossa empresa fez um investimento em termos de actualização do nosso software e hardware. É evidente que o garante deste projecto permitiu a renovação de toda a infra-estrutura e o desenvolvimento dessa ferramenta de software. Daí que, estamos em crer, que num futuro próximo não vamos precisar de mais investimento nesta área, embora estas tecnologias estejam em constante evolução.

Voltariam a candidatar-se a este projecto, e porque razão?

Com certeza que sim. A nossa empresa quer continuar a crescer com os nossos parceiros e clientes e esta forma permite-nos obter uma ajuda substancial ao nível do investimento financeiro.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto: DIGIVACAS

Introdução de novas tecnologias beneficia mundo rural

A EABL, em Aveiro, é a única entidade beneficiária do projecto Digivacas, da Aveiro Digital. Jaime Machado é o responsável pelo projecto que diz servir, para já, cerca de 850 explorações leiteiras em toda a Beira Litoral e Beira Interior.

Qual o principal objectivo deste projecto?

Com este projecto o que nós pretendemos é fazer uma recolha da informação relativamente às explorações leiteiras com quem trabalhamos de forma mais espedida e mais fiável. Por outro lado, disponibilizar a informação que tratamos, para os criadores, também de uma forma que seja de fácil acesso, fiável e que seja rápida. Portanto, o objectivo é receber e enviar informação de uma forma mais rápida e fiável, utilizando os meios tecnológicos ao nosso dispor.

Quais são os novos serviços e produtos que estão a ser criados?

Mais do que novos serviços, será ampliar os que já temos existentes. Fundamentalmente, o que nós fazemos é seguir as explorações leiteiras, cerca de 850, com quem trabalhamos em toda a Beira Litoral e Beira Interior. O nosso principal trabalho é o contraste leiteiro. Fazemos a recolha sobre a produção do leite, sob o ponto de vista qualitativo e quantitativo, e depois armazenamos a informação numa base de dados e fazemos os respectivos relatórios que depois disponibilizamos para os criadores, para que possam gerir de uma forma mais correcta os seus efectivos. Isto já fazemos, agora queremos disponibilizar a informação numa página da Internet, que já dispomos. Portanto, com a introdução destas novas tecnologias passamos a ganhar muito tempo.

Que problemas visa resolver?

A médio prazo aquilo que pretendemos é recolher informação que hoje não recolhemos, porque não é possível tratá-la em tempo útil. De forma digital tudo é mais rápido, já que se a recolha da informação for feita por este meio ficará logo disponível no nosso servidor. Desta forma, por exemplo, recolhemos informação relacionada com a inseminação artificial e podemos construir os respectivos relatórios e disponibilizá-los aos criadores para que possam saber o que se passa com os seus efectivos em termos de comportamento reprodutivo, um factor determinante para a rentabilidade das explorações leiteiras. Relativamente ao campo da identificação animal o que pretendemos é criar uma interactividade entre o criador e a nossa base de dados, de modo a que o criador possa introduzir ou fazer a declaração de nascimento das crias por via electrónica.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços?

Cerca de 850 explorações leiteiras. Este projecto que aqui se desenvolve vai, obviamente, ser espalhado pelo resto do país pelas outras estruturas congéneres, uma no Norte a outra no Sul. Portanto, no futuro teremos envolvidas neste projecto cerca de 2200 explorações leiteiras, com um efectivo que ronda as 100 mil vacas adultas.

Já é possível avaliar o impacto que está a ter este projecto?

Não nos podemos esquecer que estamos a trabalhar com o mundo rural, onde estas tecnologias entram mais lentamente. De qualquer maneira, é surpreendente a apetência que existe já por parte dos criadores, sobretudo os mais jovens. Nesta fase nós temos cerca de 150 criadores ligados e no futuro esperamos que este número se alargue.

Quem vai explorar os serviços e quem os vai manter?

De uma forma geral as coisas estão entregues às associações de criadores. Nós fazemos a recolha da informação e depois alimentamos uma base de dados ao nível nacional.

Precisa de mais investimento em TIC?

Tal como o projecto está definido não precisa de mais investimento. Obviamente que nós queremos alargar o leque de abrangência a outras zonas ainda não abrangidas pelo projecto. Acho que a ajuda é pequena, mas penso que o investimento global é o suficiente.

Voltaria a candidatar-se a este projecto, e porquê?

Sim. A prova é que depois do primeiro nos candidatámos a este segundo. Por um lado porque existe uma dinâmica própria na envolvência com outras entidades, e por outro porque é sempre uma ajuda ao nível do financiamento, ainda para mais numa altura em que o nosso sector atravessa uma grande crise.

AREA DE INTERVENÇÃO 7 – TECIDO PRODUTIVO

PROJECTO: e-SI

Carlos Alves explicou o projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que desenvolve Serviços de Back-office e Gestão Integrada da empresa Henrique Fernando e Alves, Lda. - HFA, e revela as vantagens que o projecto e-SI irá trazer.

Em que consiste o projecto?

O projecto consiste em fazer recolha de dados referentes à produção e depois transformar esses dados, ao longo de uma ordem de fabrico, de forma que os clientes possam, através da Internet, aceder à sua base de dados e conseguir saber como está a sua ordem de produção e como estão os componentes. Também vamos poder mais rapidamente e com mais fiabilidade ter acesso aos dados de produção, para além de uma amostra na área da qualidade. O projecto, neste momento, não está ainda a trabalhar, falta-nos fazer a parte da web, para que o cliente aceda à nossa informação.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Não há um novo produto. O cliente pode aceder à informação, o que é uma vantagem porque conseguem saber como é que está processo de produção e ter uma maior segurança. Em relação a nós próprios, conseguimos mais rapidamente fazer orçamentos e com mais fiabilidade porque sabemos exactamente quanto tempo levou uma placa a chegar em determinado ponto.

Quais são os impactos na criação de valores? Quem é que vai explorar e manter o projecto?

É de todo interesse nosso mantê-lo porque a nossa ideia é continuar a ali-mentá-lo no dia-a-dia e já temos algumas ideias para depois desse projecto. Fundamentalmente o nosso objectivo foi focalizar o cliente, o que poderá trazer mais encomendas. Não temos ninguém a actuar no mercado estrangeiro, não temos “comercial”, todos os clientes que temos tem sido um pouco boca a boca e isto poderá ser uma ajuda.

Este projecto de forma interna e externamente em que é que podemos colocar o sinal mais deste projecto?

Internamente, no planeamento porque ajuda-nos a ter melhor controlo sobre os tempos, o que nos permite jogar com as pessoas, saber qual é a pessoa mais rápida num determinado posto. De forma externa, é dirigido aos clientes.

Acha que é imprescindível a aplicação hoje em dia das novas tecnologias para a rentabilidade?

Sim. Penso que a informação é vital hoje em dia. Ter a informação o mais rápido possível pode decidir o que se faz ou o que não se faz, e até o futuro da empresa.

Acha que necessitaria de mais investimentos em TIC?

Normalmente diz-se sempre que sim. Penso que temos vindo a apostar todos os anos na inovação e em novos produtos. Penso que estamos mais ou menos apetrechados, todo o sistema de qualidade está em formato digital e não temos papel na produção. Existem computadores espalhados pela produção. As pessoas quando têm dúvidas vão aos computadores, temos uma Internet com notícias e indicadores, mas de qualquer maneira é sempre bom investir.

Voltaria a candidatar-se a este projecto?

Sim, e temos outras ideias para um dia caso isto continue, implementar aqui novos sistemas.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto ESTAG

Carlos Nunes, da Estórageda, explicou o projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que desenvolve Serviços de Back-office e Gestão Integrada e revela como irá rentabilizar o tempo e minimizar os custos.

O que levou a empresa a entrar nesse novo mundo?

Os principais objectivos passam por rentabilizar o tempo e minimizar os custos. Com a concorrência que temos, devemos dar respostas mais eficazes aos nossos clientes e fornecedores também.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Os produtos para já são os mesmos, embora tenhamos ideias, no futuro, em alargar os serviços a outras áreas com as novas tecnologias da comunicação.

Qual é a utilidade do projecto?

Acho que a utilidade principal é a modernização e rentabilização do tempo com menores custos.

Quais são os problemas que o projecto resolve?

Esperamos que venha resolver a questão dos papéis para que tenhamos uma informação muito mais rápida e não termos uma série de processos que envolvam papéis, desde orçamentos, notas de execução, notas de fabrico e facturas. Ao irmos procurar um determinado cliente, temos essa informação toda agregada e podemos procurá-la mais rapidamente.

É o fim da burocracia?

Esperamos que sim. Julgo que não vai eliminar totalmente. Era bom que se conseguisse. Esperamos que cerca de 80% do problema seja resolvido.

De forma interna e externa, quais são as melhorias?

Ainda estamos a implementar o serviço. Neste momento estamos a catalogar os produtos, é um processo que nos faz começar tudo de novo, desde a facturação, é tudo novo. Depois é que se pode dizer alguma coisa sobre as melhorias.

O que espera deste novo serviço?

As expectativas são grandes porque vamos começar o nosso trabalho praticamente do zero a nível interno. É uma aposta que esperamos que resulte e por isso as expectativas são as mais altas, caso contrário, não teríamos avançado com o projecto.

Quem vai explorar e manter os serviços?

Os nossos clientes e fornecedores irão explorar os serviços, na medida em que podem procurar saber em que estado se encontra a encomenda, e também se está em execução ou não.

Qual foi o investimento total feito?

Foram mais de 30 mil euros, cerca de 33 mil euros.

Necessita de mais investimento? Voltaria a candidatar-se?

Sim, com as expectativas que temos voltaria a candidatar-me e se assim não fosse, não teríamos dado esse passo porque as expectativas são as melhores.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Extraplas

Nelson Madaleno, explica o projecto Extraplas, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, para a implementação de Serviços de Back-Office na empresa Madaleno – Moldes para a Indústria de Plásticos, Lda. A empresa está sediada na Zona Industrial de Aveiro e tem como objectivo principal a transformação de moldes para peças técnicas

Qual o principal objectivo deste projecto?

O principal objectivo é melhorar o interface com as outras empresas, com nossos clientes e com fornecedores – criar uma plataforma que permitisse uma melhoria desse interface.

Quais os novos produtos e serviços criados com este projecto?

Criamos uma plataforma de back office que nos permite alterar a nossa página e uma Intranet que permite o tal contacto entre cliente e nós, Madaleno, e também com fornecedores.

Quais as principais vantagens que vê neste projecto?

No fundo, o projecto permite-nos integrar todo o sistema produtivo, desde o pedido de orçamento à própria encomenda e à produção, incluindo os colaboradores. Tudo fica integrado no mesmo software, o que permite, na nossa perspectiva, bastantes melhorias em termos de comunicação: não perder informação e ser mais rápido nessa comunicação.

Que problemas é que este programa consegue resolver?

Resolve problemas que grande parte das empresas tem: na parte das encomendas, como são coisas muito complexas, muitas vezes há informação que se perde, ou uma pessoa recebe essa informação e essa informação não passa para a empresa. Ao estar integrada toda a informação e todo o processo, a informação está mais centralizada, não há perdas e como toda a gente trabalha sobre a mesma plataforma, o tempo de resposta é muito mais curto.

Que entidades, empresas e pessoas são afectadas por estes novos serviços, quer interna, quer externamente?

Internamente, nós somos duas entidades. Temos uma empresa de moldes e uma de plásticos; ambas vão utilizar a plataforma. A plataforma também vai ser usada para comunicação entre os nossos 25 colaboradores. Em termos de clientes temos 20-25 clientes que são afectados, clientes esses que estão nos Estados Unidos, México, Alemanha, França... A nossa plataforma estará em quatro línguas, para permitir a comunicação.

Essa questão leva-nos aos impactos para a empresa, em termos de aumento de mercados, receitas, diminuição de custos e tempos, eficiência da organização... Há melhorias em todas estas áreas?

Exactamente. O mais importante de tudo é que vamos modificar, vamos inovar em termos de interface com o cliente. Ou seja, vamos melhorar o nosso aspecto, o que o cliente vê de nós. Vamos ter uma imagem mais digital. Mas, ao mesmo tempo, vamos ter uma resposta muito mais rápida. Vai melhorar bastante a visão que o cliente tem de nós. Com isso, esperamos poder ter uma mais fácil operação comercial.

Têm em vista a exploração de outros mercados, a partir da melhoria de eficiência e organização?

O que tentamos com esta melhoria de imagem é subir um pouco em termos do tipo de fornecedores que somos. Até há bem pouco tempo, em Portugal, a indústria de moldes funcionava como fornecedor de segundo nível. Havia um agente que contratava as peças na Alemanha e depois vinha a Portugal buscar possíveis fornecedores. Com melhor organização e capacidade de resposta, julgamos poder subir o nível e ir directamente ao cliente final. Como isto é mais sistemático, pode ser que consigamos abordar directamente o cliente final.

Estarão reunidas, a curto prazo, as condições para ser interlocutor directo?

Com outras abordagens em termos de marketing, já estamos a conseguir subir um pouco nessa lógica de chegar mais perto do cliente final. Julgo que este projecto será uma ferramenta muito útil para isso.

Quem vai explorar e manter os serviços?

Vai ser a própria empresa Madaleno. Haverá uma pessoa responsável pela manutenção do site e do resto do sistema. Mas todos os utilizadores têm de fazer a sua parte.

Precisa de mais investimento nas tecnologias da informação e comunicação?

Isto foi um início de um processo de informatização da produção e começamos a sentir que havia possibilidades de fazer outras coisas. Esperamos poder vir a fazê-las a médio prazo.

Em que áreas?

Neste momento, o sistema faz gestão da produção e a comunicação dessa gestão ao cliente. Este interface pode ser melhorado; só que isso exige outras ferramentas informáticas como o "Project", para um planeamento mais apurado da produção.

Voltaria a candidatar-se a ao programa Aveiro Digital?

Sim. Na minha óptica, é um programa bem organizado, ainda que, como todos tenha pequenas questões por resolver. Temos sido apoiados pelo Aveiro Digital.

Área de Intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Fig-Net

Sérgio Figueira, gestor da área de produção da empresa, explicou o projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que desenvolve Serviços de Back-office e Gestão Integrada e revela as vantagens que o Fig-Net irá trazer.

Qual é o principal objectivo da implementação do projecto?

A Fig- Fábrica de Plástico dedica-se a produzir artigos para mobiliário metálico e assim como outras empresas do país, estava muito pouco desenvolvida em termos de Internet. Daí que nós tenhamos aderido a este projecto com o intuito de termos uma imagem mais competitiva à nível do mercado externo, passando pela digitalização de todo processo produtivo. Neste momento, contamos com vários equipamentos que nos foram fornecidos pela Aveiro Digital; computador, servidores e programas que nos ajudam a gerir a produção. O grande objectivo do programa, além de fazer uma gestão correcta da produção, é que os nossos clientes tenham maior acesso aos nossos artigos, à semelhança do que acontece nos outros mercados internacionais, o que tem custos muito elevados e daí termos aderido ao programa no intuito de termos uma maior visibilidade.

As expectativas são grandes?

Sim. O mais importante é dar passos no sentido da modernização tecnológica da empresa e que haja um controle tanto no sector produtivo como uma maior agressividade na parte comercial da empresa. Não basta ter só um site, é essencial que os visitantes da página tenham um acesso rápido e eficaz também à nossa produção.

Podemos dizer que é a montagem de uma empresa a partir do zero?

É a montagem de uma empresa em termos de Internet. Estamos inclusivamente a separar os clientes que já existem da Fig-Plásticos e a tentar que os clientes que venham por via da Fig-Net sejam separados dos outros, para nós conseguirmos ter um feedback do programa que estamos a desenvolver e quais são os resultados que estamos a tirar desse projecto que tem exigido um grande esforço por parte de todos os colaboradores desta empresa. Infelizmente, em Portugal, temos ainda muitos trabalhadores que não estão preparados para trabalhar com essas novas tecnologias.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

São exactamente os mesmos produtos que tínhamos. O que se pretende é que esses produtos tenham uma maior visibilidade e maior contacto com o mercado internacional. Se não fosse esse programa, os nossos produtos iriam continuar a ter uma rede de distribuição meramente nacional. Com a implementação desse programa nós esperamos vir a ter uma visibilidade no mercado internacional.

Precisa de mais investimento em TIC? Voltaria a candidatar-se a este programa?

Sim, até porque é um programa inovador que penso que deverá passar por todos os distritos. E a Fig até hoje nunca tinha contado com o apoio de qualquer empresa ou associação estatal.

Área de Intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Galileu-Diag

Gonçalo Fonseca, da Activos e Recursos, Consultoria Informática Unipessoal Lda., aborda o “Projecto Galileu-Diag” – Serviços de Diagnóstico e de Gestão de Formação de Activos e Recursos

Qual é o objectivo deste projecto?

O objectivo é organizar a informação que nós recolhemos nas entidades e empresas com quem trabalhamos na perspectiva de poder fazer um plano de formação ou consultoria que esteja adequado ao nível de conhecimento das pessoas, para que as pessoas não estejam deslocadas, ou porque já sabem o que estamos a ministrar ou porque não têm os pré-requisitos necessários. É uma forma de tentar organizar a informação, dar mais cientificidade ao nosso trabalho, na área do diagnóstico, para prestarmos um serviço mais profissional.

Em termos práticos, estamos a falar de um “software”.

Sim, uma aplicação informática que vai funcionar através da web, que evita deslocações. Através de uma password, uma pessoa tem acesso a um conjunto de questionários, que depois de respondidos são misturados pelo próprio motor da aplicação e nos darão resultados que apontarão para estratégias em termos de planos de formação ou de consultoria. Conforme as carências das pessoas em determinadas áreas, assim a solução para adquirirem os conhecimentos.

O que é que este projecto traz de novo?

Aquilo que hoje fazemos de forma artesanal, isto é, análise a partir de questionário, será feita por “standards” de critérios que serão sempre os mesmos e que misturam a parte de diagnóstico com a parte de soluções que queremos apresentar. À partida, sempre que o resultado for o mesmo a solução será a mesma. Até aqui não era, porque dependia muito da pessoa que analisava. Haverá mais rapidez e maior grau de certeza em relação às necessidades de quem trabalha connosco.

Este projecto está orçado em quanto?

50 000 euros.

Ao longo do seu desenvolvimento essa verba tem correspondido às necessidades?

O valor do projecto era maior. E neste momento estamos com alguma dificuldade, mas vamos cumprir. Dentro de um mês ou dois, estamos no início da conclusão do projecto. Se houver espaço para pedir um acréscimo, faremos. Mas se não der, vamos assumir. 50 % do valor é assumido pela nossa empresa. Na pior das hipóteses, poderá haver um desvio de 5 ou 10 % do projecto.

Quando é que o projecto começou a ser desenvolvido?

Em Novembro do ano passado. Queremos que esteja pronto em Agosto deste ano, para a fase de implementação e testes em Setembro/Octubro. Queremos que, em Novembro, quando tiver 12 meses, já esteja em funcionamento.

Vão testá-lo com os vossos clientes?

Temos três parceiros que convidámos e aceitaram trabalhar connosco nessa fase da implementação: a Vulcano, a CACIA e o IPAM. Vão estar na fase do teste da aplicação e em cenário real, em que vamos fazer, com um universo definido e mais pequeno, um teste já com um

conjunto de questionários e em situação de necessidades das entidades, para perceber se tudo está a funcionar bem e termos mês a mês e meio para corrigir eventuais erros.

Ao longo do desenvolvimento deste projecto, quais foram as principais dificuldades?

O mais complicado foi perspectivar à partida todas as implicações do que se está a fazer, ou seja, a definição do modelo de dados. Usando uma metáfora, se construímos uma casa com quatro paredes e sem janelas, se amanhã queremos luz natural, temos de mandar abaixo. Com as aplicações acontece que temos de voltar muito atrás ou até fazer de início. Demoramos cerca de dois meses a pensar tudo isto, a ver as implicações. Só depois de estar no papel o tal modelo de dados é que começámos a fazer. Como já fazemos artesanalmente este trabalho e temos uma pessoa que tem muita experiência na área da programação, tínhamos alguma lógica interna que nos permitiu ultrapassar os problemas normais que estas coisas têm.

A empresa iria desenvolver este projecto sem o apoio do programa Aveiro Digital?

Sim. Mas não o desenvolveríamos já, ou demoraria muito mais tempo. Em vez de o planearmos para um ano, planeávamos para dois ou três anos. A questão é que isto é um “apport” muito grande para o nosso trabalho. Fazer um bom diagnóstico é meio caminho andado para o sucesso. Evita que, na avaliação da participação dos formandos, se chegue à conclusão de que as pessoas estavam lá deslocadas, por variadíssimos motivos. Isto vai permitir dar um salto qualitativo e trabalhar mais rápido.

Estão a pensar vender este software?

Não podemos. Faz parte das regras, porque é um projecto financiado. Mas poderá haver entre os parceiros do projecto alguma partilha e, eventualmente, poderemos fazê-lo com outras empresas e entidades do programa Aveiro Digital.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto: Geoinvest & GeoMarketing

Elisabete Rita, directora-geral da AIDA – Associação Industrial do Distrito de Aveiro – explica o projecto Geoinvest & GeoMarketing, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital e que designa serviços SIG de localização das ZING (Zonas Industriais de Nova Geração) na região da AMRia

Qual é o objectivo deste projecto?

É um projecto actualmente designado por ZING – Zonas Industriais de Nova Geração – que foi um acrónimo escolhido para a candidatura. Não quer dizer que seja essa a designação futura, até porque nos dois seminários já efectuados ao abrigo deste projecto já saíram várias outras propostas de nomes para que não fosse restringido à indústria, mas antes falarmos de actividades empresariais. O objectivo é pensarmos em empresas de maior valor acrescentado para a região, empresas de nova geração.

Que são?...

São empresas que passem por utilizar tecnologias de informação ou biotecnologia, mas que possam trazer para esta região valor acrescentado. Mas acima de tudo, o grande desafio que se prende aqui é que estamos a trabalhar com a AMRia como parceiro directo, que envolve um conjunto de municípios e quando falamos em ZING estamos a pensar em refazer o conceito de acolhimento tradicional daquilo que são as indústrias tradicionais.

Quais são as principais características do projecto?

Primeiro, temos que identificar o que é uma Zona Industrial de Nova Geração e para isso também nos munimos, para além do parceiro adequado que é a AMRia, de outras entidades que nos estão a assessorar no desenvolvimento deste novo modelo. Estamos a falar de um modelo conceptual novo em termos de desenvolvimento empresarial e ordenamento do território.

Que tipo de serviços é que este projecto pode influir sobre as empresas?

Muito diversificados. Há um estudo, que caracteriza o que são zonas industriais de nova geração, para além de observar e estudar «case studies» de outros países, em que tivemos a oportunidade de ter cá representantes de zonas que funcionam desta forma do país vizinho, de Bilbao. Mas é necessário definir parâmetros iniciais.

Nomeadamente...

Uma ZING deve ter características quantitativas e qualitativas. As primeiras que definem as distâncias a centros de saber, centros de saúde, habitações próprias. Estamos a falar de empresas de valor acrescentado elevado em que a preocupação com os recursos humanos é muito grande, pelo que temos que oferecer as melhores condições para atrair e pensar no bem-estar não só da empresa em si condições necessárias ao desenvolvimento de uma actividade empresarial, mas também para os

seus recursos humanos. É este modelo que está a ser criado que vai identificar uma área geográfica que face a todos os condicionalismos que se consideram relevantes e essenciais para a existência de uma ZING qual o local ou locais essenciais para que possam ser atraídas esta tipologia de empresas.

Em que fase está o projecto?

Neste momento, os referidos parâmetros estão a ser colocados num sistema geo-referenciado para que depois, com a junção e as valorizações que cada parâmetro tem, se consiga identificar uma área geográfica. Nós podemos ter condições privilegiadas que empresas de maior valor acrescentadas e de nova geração possam sentir que aqui é uma área geográfica a apostar e o tecido empresarial pode, também, de certa forma, conjugar-se e alimentar as empresas que possam vir para cá e são estas sinergias que podem fazer desta região uma região excepcional para implementar um projecto desta natureza. O projecto divide-se em dois: o Geoinvest (criação e designação do modelo conceptual) e o Geomarketing que está acoplado ao primeiro.

Este projecto resolve uma lacuna no mercado?

Resolve. Há alguns municípios que já têm uma preocupação clara quanto a situações desta natureza, mas na região de Aveiro ainda nada está pensado. Um projecto desta natureza tem uma envergadura de tal ordem que também não pode ficar confinada aos actores da região e temos que envolver forçosamente entidades como o ICEP e a API.

Que entidades envolve o projecto?

A AMRia e os seus municípios, a AIDA, a Universidade de Aveiro e uma empresa de tecnologias de comunicação e informação.

Este projecto terá que impactos de valor na economia?

Com toda a certeza, porque não é só a empresa que vem, mas vai desencadear junto das outras empresas tradicionais a tipologia de fileira de produção. Tudo isto é uma cadeia de valor.

Quem vai explorar estes serviços e quem os vai manter?

A AIDA vai querer continuar e a dar um apoio directo, a AMRia, os municípios e eventualmente a figura de criação de uma sociedade gestora, porque terão de ser atribuídas responsabilidades de gestão das áreas.

Precisa de mais investimento em TIC?

Eventualmente. Na fase de implementação da ZING creio que haverá necessidade de dotar essa área de infra-estruturas do ponto de vista das TIC que satisfaçam as empresas.

Voltaria a candidatar-se ao programa Aveiro Digital?

Sem dúvida. O desafio existe e o que nos move neste projecto é o desafio de virmos a conceber algo diferente e que possa contribuir para o desenvolvimento da região. Aveiro tem mostrado provas de saber fazer e inovar também. É como que se a região

de Aveiro servisse de uma área piloto para desenvolver «case studies» que possam vir a ser aplicados e que o país possa vir a beneficiar.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Inovortal

Rui Lopes, membro da direcção da Associação Inova-Ria e responsável pelo projecto Inovortal, explica o projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que designa serviços de Data-center e de Marketing para as empresas associadas da Inova-Ria

Qual é o objectivo deste projecto?

O projecto Inovortal tem dois objectivos principais, o primeiro é a divulgação das empresas associadas da Associação Inova-Ria e o segundo é a partilha de recursos e a criação de sinergias entre as empresas da associação, com vista a uma diminuição de custos.

Que tipo de produtos e serviços é que este projecto vai permitir?

Acrescentaria que não só é para as empresas associadas, como também para todas as empresas da região de Aveiro, ligadas, de alguma forma, às telecomunicações. Os produtos ou serviços que vamos disponibilizar aos nossos associados e a estas empresas são, em primeiro lugar, um «data-center», onde vamos ter uma infra-estrutura tecnológica que é partilhada pelas empresas, que de alguma forma irá permitir suportar os serviços deste projecto. Depois, suportados nesse «data-center» está uma plataforma de serviços, um que responde à componente de divulgação. É, portanto, um site da Inova-Ria. A outra plataforma de serviços é interna à associação e permite responder à questão da partilha de informação, divulgação de informação interna para os associados.

Que tipo de informação?

Desde legislação comum, incentivos, recursos humanos, documentos, tudo o que tem a ver com o funcionamento da associação está já nesta plataforma de serviços interna. A outra, que ainda não está iniciada e estará, em princípio, disponível no dia 15 de Junho, será o «show-room». Trata-se de uma componente que engloba também uma infra-estrutura, mas não tão vocacionada para as telecomunicações, como o «data-center», mas mais de multimédia, onde as empresas podem utilizar este espaço para fazer apresentações dos seus produtos e serviços com a qualidade que eles necessitam. Por um lado, funciona como um laboratório onde algumas empresas podem pôr à disposição equipamentos para testes e conseguimos partilhar tanto esses equipamentos multimédia, que são caros, como se consegue motivar a componente de divulgação com qualidade.

Qual é a verdadeira aplicação e utilidade deste projecto?

Somos uma associação recente e tínhamos a falha na componente de divulgação e aí podemos ajudar a divulgar a associação, Aveiro, comunicações, inovação e as empresas que estão envolvidas pelo projecto. Por outro lado, a partilha de recursos, que são caros, que se tiverem a disposição de todos os associados consegue-se reduzir custos. Por outro lado ainda, consegue-se melhorar os processos internos de comunicação.

Que problemas resolve o projecto?

A associação, com a divulgação, consegue mostrar os incentivos e financiamentos que existem e mostrar ao empresário que existe mais do que a parte tecnológica das empresas.

Quantas entidades e pessoas foram envolvidas pelo projecto?

Todos os associados tiveram oportunidade de participar neste projecto. Estamos a falar de 22 empresas e perto de 700 colaboradores, que poderão vir a beneficiar directamente destes serviços.

Quais são os impactos que este projecto pode provocar?

Por um lado, as empresas terem um parceiro, que é a associação, e uma infra-estrutura para a sua divulgação; por outro, a melhoria de alguns processos internos e a partilha de custos. No fundo, conseguimos, directa ou indirectamente, aumentar as suas receitas e diminuir os seus custos.

Em que fase está o projecto?

O «data-center» está pronto, a plataforma de serviços, a Internet e a parte de intranet está a 90 por cento o «show-room» vai ser agora iniciado e penso que no final do mês já estará pronto.

É um projecto para manter?

Nitidamente. Temos recursos humanos que nos permitem manter este serviço. No projecto, existe uma tarefa adicional, que é o «helpdesk», que já está em funcionamento e que permite que este serviço continue.

Vai precisar de mais investimento em TIC?

Possivelmente. O projecto ainda não acabou e já há sugestões de melhoria. Temos um compromisso de formar 250 pessoas em TIC, mais toda a formação associada a esta plataforma.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Garantidamente. Tenho tido alguma experiência em outro tipo de projectos e incentivos e o Aveiro Digital tem um tipo de planeamento que ajuda a que os projectos cheguem ao fim e com a qualidade necessária.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto JFD

A Janeves, de Avanca, é a única entidade beneficiária do projecto JFD, da Aveiro Digital. Rosa Simão, uma das responsáveis pelo projecto, falou ao PRAÇA PÚBLICA, fez o ponto de situação e mostrou-se satisfeita pela aposta feita.

Qual o principal objectivo deste projecto?

O nosso principal objectivo é, logicamente, melhorar o desempenho da nossa empresa com o desenvolvimento de duas aplicações, uma pública, com o nosso Site, e outra privada, com o sistema de Intranet.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

Com a implementação do nosso Site e do sistema de Intranet, tudo será mais rápido. Os nossos clientes e potenciais clientes se tiverem toda a informação disponível poderão consultar tudo mais rápida e eficazmente. Ter acesso às suas encomendas e saber qual o ponto da situação é uma das vantagens, por exemplo, que lhes estamos proporcionar. No fundo queremos criar uma plataforma que acompanhe o desenvolvimento da empresa.

Quais os principais problemas que resolve a introdução desta plataforma?

Essencialmente dar resposta às exigências dos nossos clientes, que é uma mais-valia para a nossa empresa. Reduzir custos e tornar as coisas mais funcionais são os principais aspectos a melhorar.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços?

Nós temos uma rede de agentes e numa fase inicial pretendemos disponibilizar toda esta informação só a parte dos nossos clientes/agentes que têm obviamente funções especiais. Existem algumas empresas que estão ligadas a nós há muitos anos e logicamente serão essas as primeiras a quem vamos alargar este sistema.

Quais os impactos na criação de valor?

Este projecto só arrancou em Janeiro e por isso ainda estamos na fase embrionária. O nosso site já está praticamente desenvolvido e pronto a colocar online em Setembro. Quanto ao sistema Intranet ainda está em desenvolvimento.

Quem vai explorar e manter actualizados estes serviços?

Vamos ser nós próprios, porque também nós vamos ter formação específica nesta área.

Precisa este projecto de mais investimento?

Nós achamos sempre pouco, mas temos que pensar que qualquer ajuda é sempre bem vinda. Se pensarmos melhor, agora podemos dizer que dado o investimento que estamos a fazer necessitávamos de um pouco mais de ajuda.

Voltariam a candidatar-se a este projecto, e porque razão?

Claro que sim. O projecto está a tornar-se numa mais-valia para a nossa empresa, e neste caso com uma ajuda ao nível do financiamento que é ainda melhor.

Área de Intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Marc

José Pinto Reis, da Marques, S.A., explicou o projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que desenvolve Serviços de Gestão da Produção Online da empresa e revela as vantagens que o projecto Marc irá trazer.

Em que consiste o projecto?

O projecto é vocacionado para a área industrial e administrativa. Na vertente industrial, pretende recolher em tempo real toda a informação gerada pelo processo produtivo, toda a informação necessária para a gestão, o que irá permitir que essa informação, que já temos acesso, possa ser fornecida em tempo real. Pretendemos passar a ter essa informação sempre disponível, o que nos irá permitir actuar na produção assim que haja qualquer constrangimento. Outra vertente é o tratamento digital de toda a documentação, deixando de existir a circulação interna de papel na empresa. Dessa forma será criada uma maior competitividade e será fornecido ao cliente uma resposta mais adequada, onde no futuro próximo poderemos verificar o ponto exacto da situação da encomenda.

Quais são os novos produtos e serviços que são criados?

A capacidade da empresa poder dar uma resposta mais pronta ao cliente, o que fará baixar o prazo de entrega. Outra componente em que a empresa está empenhada é na qualificação dos seus trabalhadores, no sentido de dotá-los com conhecimentos que lhes permitam utilizar o computador e a Internet, estimulando alguma afectividade para que o relacionamento com os computadores seja melhor.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços, de forma interna e externa?

Temos na ordem de 110 pessoas, onde a maioria irá ter formação e todos os nossos clientes virão a ser beneficiados com esta melhoria, inclusive a família dos nossos trabalhadores. Ao permitir que a empresa esteja no mercado de uma forma competitiva, eles também serão beneficiados. O que nos move é a melhoria das condições de trabalho e a competitividade.

Quem vai explorar e manter esse serviço?

A empresa irá explorar e colocar em execução o serviço e todas as empresas que queiram desenvolver um projecto semelhante poderão ter a Marques, SA como referencial, corrigindo o que não fomos capazes de melhorar.

Acredita que as TIC são um caminho inevitável para as empresas?

Obrigatoriamente. O desenvolvimento das empresas é feito por patamares, no nosso caso estamos num patamar onde melhorar a produtividade implica o recurso a algumas ferramentas mais elaboradas e dispendiosas.

Voltaria a candidatar-se ao projecto?

Claro que sim. O saldo é francamente positivo. É bom que as empresas aproveitem essa oportunidade. Trata-se de um projecto importante para a Marques, SA.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Sani

Carlos Calças, director dos sistemas de informação da Sanindusa – Indústria de sanitários, SA explica o projecto Sani, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital e que designa Serviços de Controlo e Gestão Integrada da Produção e Stocks da Sanindusa

Qual é o principal objectivo do projecto?

É montar um sistema de gestão integrada, basicamente um sistema de informação que facilite o exercício da gestão propriamente dita e o controle dos meios de produção.

Que novos produtos e serviços criados?

Uma das etapas deste projecto compreendia o desenvolvimento de um «front office» para acesso à nossa rede de clientes. É um produto inovador e que veio facilitar toda a nossa relação de trabalho quer a nível de colocação dos «inputs» necessários dos nossos clientes quer a nível da facilitação da resposta a esses mesmos pedidos.

Tratou-se de informatizar todo o sistema operativo de produção da Sanindusa.

Este projecto está, por sua vez, inserido num projecto mais alargado que é dotar um sistema de informação das empresas do Grupo Sanindusa. Aproveitámos a oportunidade que nos foi dada pelo Aveiro Digital para melhor conseguirmos os nossos objectivos. Nesse sentido, o Aveiro Digital está no âmbito do desenvolvimento de sistemas de informação de controle e gestão da produção das unidades de fabrico de acrílicos, das unidades de cerâmica C1 e C2, sitas na zona industrial de Mamodeiro, bem como o desenvolvimento do site. O âmbito mais alargado inclui as outras unidades que temos, situadas na Zona Industrial da Tocha (Sanindusa 2) e uma unidade de produção e comercialização em Espanha.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

Prende-se essencialmente com a melhor satisfação do cliente. O impacto que pretendíamos era reduzir o tempo de resposta ao cliente a cerca de 10 por cento, bem como a optimização de todos os nossos recursos de gestão da produção.

Quais os problemas que resolve?

Foi justamente uma resposta adequada e atempada na solicitação da nossa força de vendas.

Quantas pessoas foram envolvidas pelos novos serviços?

O grupo de trabalho de toda a equipa dos sistemas de informação e as empresas prestadoras de serviços na área do «software-house» e algum apoio da equipa do Aveiro Digital.

Houve formação neste projecto.

Por ora, ministramos formação a cerca de 120/130 pessoas em TIC. Estamos neste momento a agendar e programar o arranque em formação em TIC e aquando da implementação das duas fases do projecto que ainda falta conseguiremos consolidar a restante formação.

Em que fase está o projecto?

O projecto está a 40 por cento da sua execução. Tivemos que fazer uma inflexão em termos de tempo, que já solicitámos ao Aveiro Digital, porque surgiu uma necessidade nova de reorganizarmos e fazermos algumas reengenharias nas unidades que pretendíamos desenvolver estes sistemas de informação. Mas com certeza que iremos

conseguir realizar tudo o que está programado até ao final da data prevista, que é a 31 de Dezembro deste ano.

Quais os impactos deste sistema, houve diminuição de tempo?

Nós conseguimos reduzir o «lead time» de resposta aos clientes. Estamos ainda a consolidar algumas análises e avaliações sobre o «lead time» de produção e na gestão e afectação dos recursos.

Este é um projecto para manter?

Claro. Esta é uma aposta clara numa rede de informação do Grupo Sanindusa e é um projecto estratégico para o grupo. Inclusivamente, alguma dotação orçamental que teremos que fazer em 2006 para que possamos expandi-lo. Já temos pensamento estratégico de alargar o projecto a outro tipo de filosofias, de relacionamento com o nosso grupo de trabalho e de interesses.

Precisa de mais investimento em TIC?

Com certeza. Teremos que fazer uma dotação orçamental nesta área, pese embora o grosso dos investimentos já estejam orçamentados até ao ano 2005.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sem dúvida. Nós temos uma experiência positiva com o Aveiro Digital. Gostámos do modelo de gestão, porque traz sinergias para dentro das empresas e entidades beneficiárias, e provoca um controlo de gestão muito eficaz e eficiente.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto SIPA

Marta Alves, do Gabinete de Apoio à Estratégia da APA – Administração do Porto de Aveiro e coordenadora do Projecto SIPA, explica este projecto desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital e que designa Sistemas de Informação do Porto de Aveiro

Qual é o principal objectivo?

Tem por objectivo permitir introduzir novos processos na parte administrativo-financeira do Porto de Aveiro. E dessa forma, incutir-lhe maior eficiência.

Mas o que significa na prática?

Está em fase de implementação um sistema integrado de gestão financeira, que irá permitir que as pessoas que trabalham nesse departamento, assim como outros serviços relacionados e que interajam com o sector de contabilidade, não precisem de introduzir a informação mais do que uma vez. O problema é que tínhamos várias aplicações diferentes, incompatíveis entre si e que em cada uma das áreas a informação e os dados eram introduzidos várias vezes, havendo duplicação de tarefas. Por outro lado, vamos também implementar um processo do work-flow de compras, que se vai aplicar a toda a organização e consiste em passar o processo de pedido de economato de uma autorização documental para uma autorização electrónica. Vai tornar-se mais rápido, mais fluido e com uma maior responsabilização das pessoas envolvidas. Por fim, um outro objectivo é também a de reforçar a notoriedade do Porto de Aveiro junto dos seus parceiros de negócios.

Como se pretende conseguir isso?

Através do desenvolvimento de um portal que estabeleça uma relação mais dinâmica com os seus parceiros. E basicamente vamos oferecer a possibilidade às empresas de terem acesso às suas contas correntes via web.

Tratou-se, portanto, de uma informatização de todo o sistema que dá apoio à actividade do Porto de Aveiro.

Exactamente. Uma melhoria do back-office do Porto de Aveiro. É incutir-lhe mais eficiência e permitir que as pessoas possam ser afectas a outro tipo de tarefas.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

O site do Porto de Aveiro não permitia interagir a APA com os clientes, fornecedores, comunidade portuária. A filosofia era estática e com o portal eles vão poder consultar todo o seu processo. Numa primeira fase, só vamos permitir o acesso às contas correntes e vamos analisar, por questões de segurança, quem é que vai ter acesso.

Qual é a aplicação e utilidade do SIPA?

Organizarmo-nos internamente para podermos ser mais rápidos e prestar a informação que nos é solicitada.

Quais os problemas que resolve?

Nós tínhamos várias aplicações desactualizadas que não eram possíveis integrar entre si. Cada área operacional tinha uma base de dados específica e introduzia os terceiros da forma que achavam que era mais útil e isso causava alguns problemas ao nível da interligação das áreas que estão associadas à contabilidade (facturação, pilotagem, tesouraria, aprovisionamento). Vai haver, portanto, uma base de dados única e a contabilidade passa a ter um papel de auditor e regulador, porque a informação vai fluir entre os vários serviços. Vamos poupar recursos e vamos ganhar mais e melhor informação.

Foi o maior impacto deste projecto.

Sim. É um dos impactos importantes, mas há outros que vão afectar toda a gente, como por exemplo o work-flow de compras, que vai afectar qualquer trabalhador da APA que tenha que fazer um pedido de economato.

Quantas pessoas estão envolvidas pelos novos serviços?

Internamente, estamos a falar de todos os trabalhadores, na ordem das 125 pessoas, e externamente pretende-se que a comunidade portuária possa aderir aos serviços, que são cerca de 35 entidades, para além de todos os clientes que temos e dos quais esperamos uma boa adesão.

Em que fase está o projecto?

Está em fase de consolidação. O novo sistema de gestão financeira começou a funcionar desde Janeiro. Há alguns ajustamentos a fazer, mas penso que a partir do final deste mês as coisas ficam finalmente a funcionar a 100 por cento.

É um projecto para manter...

Este projecto vai continuar a servir o porto. No entanto estaremos sempre atentos a novas melhorias que possam trazer valor acrescentado ao porto.

Precisa de mais investimento em TIC?

No ano passado decorreu um conjunto de acções de formação, que abrangeu toda a organização e que neste momento têm competências básicas em TIC, pelo que não será preciso mais formação.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sim. Penso que o Aveiro Digital tornou-se uma forma interessante de poder concretizar todos estes objectivos de uma forma tão ambiciosa, porque provavelmente teríamos que ir faseando o projecto. Acho que seria difícil concretizar estes objectivos em tão pouco tempo se não tivéssemos tido o apoio do Aveiro Digital.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto SMIA

Simões Dias, engenheiro responsável pelos serviços de inseminação artificial da Lacticoop, explica o projecto «SMIA», desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital, que designa Serviços de Informatização dos Processos de Produção da Lacticoop

Qual é o principal objectivo e o que envolve na Lacticoop?

Uma das principais preocupações da Lacticoop, entidade que é representa produtores de leite, é não só a gestão interna dos seus serviços, mas também a rentabilidade do produtor. Esta candidatura serve não só para melhorar a eficiência da funcionalidade interna como a eficiência junto da exploração.

Que novos produtos e serviços implica este projecto?

As pessoas acabavam o ensino e iam para as vacas, porque dizia-se que só vai para a agricultura quem não sabe fazer mais nada. Para mim, no caso da produção de leite, é quase que uma ciência. Quem souber manipular ou trabalhar bem com a ciência ganha dinheiro; quem não souber, não ganha. Há três vectores/pilares principais na produção de leite: a alimentação, o maneio e a genética, que envolve reprodução. E os parâmetros da reprodução são extremamente importantes na economia de uma exploração. Não é só o problema de se utilizar o material genético, mas através deste sistema informático, utilizamos a genética com maior racionalidade. Por exemplo, as vacas devem ter um intervalo entre partos entre 365 a 390 dias, todo o tempo que ultrapasse os 390 dias, o produtor começa, sem saber, a perder dinheiro e usando um sistema informático que os alerte para estas situações faz com que o produtor, sem querer, ganhe mais dinheiro. E outra situação é que o produtor vai utilizar material genético que nós lhe fornecemos com melhor racionalidade. Nós, ao alertarmos junto do sistema informático qual é o melhor touro para determinada vaca, quando o inseminador vier utilizar o material genético, sabe que aquele é o ideal.

O que fizeram foi informatizar todo o sistema ligado aos processos de reprodução.

Exactamente. Dentro em breve, vamos ter um site próprio da Lacticoop em que o produtor vai ter uma password para aceder ao sistema e tudo o que reprodutivamente se vai passar dentro da sua exploração. Isto é muito importante para os veterinários que fazem o controlo reprodutivo. Os dados estão lá todos e ele vai ter a possibilidade de confirmar junto do sistema se a vaca já está grávida ou não e isto no sistema vai-lhe fazendo contas e vai dando informação continuamente.

Qual é a verdadeira aplicação e utilidade deste projecto?

Há duas formas. Há o interno, porque é muito más fácil e rápido para o técnico os dados administrativamente e do ponto de vista contabilístico, mas depois temos uma outra parte importante, que é o externo. É fazer com que o produtor rentabilize melhor a sua exploração.

Resolve problemas ligados à reprodução e ao seu controlo?

Sim e não só. Quem trabalha em reprodução tem uma outra inerência, já que uma má reprodução tem influência sobre a alimentação. Os dados reprodutivos podem alertar para outras ineficiências que existem dentro do sistema da exploração.

Quantas entidades, empresas e pessoas estão envolvidas pelos novos serviços?

São cerca de dois mil produtores a que acresce os técnicos da LP, da Lacticoop, que são cerca de 20, o que eleva para aproximadamente 2.100 pessoas. Para além disto, possivelmente vamos fazer uma parceria com a ABL (estação de Apoio à Bovinicultura

Leiteira) para fazermos o cruzamento de dados e outras entidades poderão surgir no futuro. Isto é um diamante por lapidar e com o decorrer do tempo vamos descobrindo novas coisas e vamos aumentando o panorama.

O que poderia envolver essa parceria com a EABL?

A EABL tem um serviço que é o contraste leiteiro, acedendo assim muito mais rapidamente a determinados dados, como as datas dos partos, que são muito importantes para o nosso sistema. Como eles precisam de ter dados sobre as datas de inseminação, o cruzamento de dados é extremamente importante entre as duas entidades.

Falava que fazem muitas inseminações...

Sim, à volta de 40 mil, o que corresponde a 30 mil animais, numa área geográfica que envolve os distritos de Aveiro e Coimbra.

Quem vai explorar os serviços e quem os vai manter?

Pensamos que vai ser a Lacticoop e por inerência a LP, com técnicos especializados que forma formados no âmbito do projecto.

Em que fase está o projecto?

Nós temos cerca de nove mil animais ainda em sistema e já fizemos 12 mil. Vai demorar o seu tempo para recolher todos estes dados. Depois de termos a maioria dos animais em sistema vai ser muito mais fácil controlar e fornecer a informação. O nosso objectivo é fornecer os dados atempadamente ao maior número de explorações possível.

Precisa de mais investimento em TIC?

Claro. Por exemplo, estamos à espera da ADSL para enviar os dados para a Lacticoop, porque em determinadas zonas é extremamente difícil. No futuro, vamos, se calhar, utilizar o telemóvel, que será, quando as comunicações estiverem mais baratas, uma ferramenta extraordinariamente importante, porque podem-nos criar sinais de alerta para o produtor.

Olhando para trás, voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sem dúvida. O Primeiro-Ministro fala-nos no choque tecnológico, mas não era preciso ele vir agora falar nisso, porque nós vamo-nos apercebendo o que é que a nível mundial se faz nisto e vamos tentando copiar bem o que se faz bem e pode ser que um dia nos venham a copiar a nós.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto TIC & TU

O projecto TIC & TU consiste no desenvolvimento e na implementação de uma plataforma interactiva de despobinilização de conteúdos e serviços da Rota da Luz. Local de encontro entre utilizadores e fornecedores de serviços na área do turismo, esta plataforma possibilita fortes sinergias que se traduzem em valor acrescentado para a Região de Turismo da Rota da Luz. Encarnação Dias, responsável por esta entidade, falou ao PRAÇA PÚBLICA sobre o projecto e explicou como está a ser implementado.

Dinis Amaral

Qual o objectivo principal deste projecto?

O objectivo principal consiste por um lado, em proporcionar o desenvolvimento e a promoção turística online da Rota da Luz, e por outro lado em facilitar o acesso aos serviços da industria turística através de uma plataforma na Internet, local de interacção entre os vários agentes turísticos da Região. Este projecto vai dotar a Região de Turismo de um sistema eficiente de Tecnologias de informação e telecomunicação que vai permitir o acesso a informação permanentemente actualizada com vista a um melhor conhecimento da região e dos serviços que nela se podem encontrar.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

O projecto vai dar a possibilidade ao turista e ao público em geral de aceder a informação constantemente actualizada. Isto será possível com a contribuição de entidades parceiras, como por exemplo entidades produtoras de eventos, que disponibilizarão informações relevantes para o turismo na região. Por outro lado, um grande passo vai ser dado ao disponibilizar uma central de reservas, que num primeiro tempo vai servir o sector do alojamento, para depois ser alargada a outros sectores.

Em que fase está o projecto?

Neste momento está na fase de construção da plataforma e de implementação de uma rede interna na Região de Turismo, o lançamento do portal para o público estando previsto para o mês de Agosto deste ano. Já decorreram sete meses desde o início dos trabalhos. Neste tempo, tem-se trabalhado na recolha e no tratamento da informação e nos procedimentos conducentes à contratualização de serviços de desenvolvimento da plataforma (Intranet, Internet e Central de Reservas).

Qual a sua aplicação e utilidade?

A sua aplicação abrange os 15 concelhos que compõem a Região de Turismo da Rota da Luz. A instalação de uma Intranet na Região de Turismo vai permitir uma maior eficiência no trabalho produzido nos diversos sectores de actividade isto é promoção, animação e serviços administrativos. A sua utilidade está associada à concentração

num balcão único virtual de informação e de disponibilização de serviços, sendo este facto uma mais valia tanto a nível interno como a nível externo, (turistas, profissionais do turismo, órgãos de comunicação social, entidades organizadoras de eventos, etc).

Quais os problemas que resolve?

A região de Turismo aposta numa modernização dos seus serviços, vai por consequência acentuar a promoção da Rota da Luz na Internet, acessível em todo o mundo, e agir como entidade facilitadora da actividade turística na Região através duma disponibilização de serviços diferenciados associados directa e indirectamente ao sector do turismo. O projecto vem responder também a lacunas existentes no que diz respeito à circulação e à disponibilização da informação, entre os próprios funcionários espalhados nos 15 concelhos, tornando-a colaborativa e de fácil acesso.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços (interna e externamente)?

Ao nível interno, todos os funcionários beneficiarão com o projecto. De facto, todos eles, tanto na sede, em Aveiro, como nos postos de turismo, terão acesso à rede interna da Região com todos os benefícios que isso possa trazer para a eficiência no trabalho.

Ao nível externo, a plataforma acessível via internet irá afectar públicos diferenciados: o site, motivacional, procurará levar o visitante à compra dos serviços tais como alojamento, animação, etc. Portanto, irão ser beneficiados directamente, as unidades de alojamento, os organizadores de animação turística, entre outros.

Quais os impactos na criação de valor (aumento de mercados e receitas, diminuição de custos e tempo, eficiência da organização e dos recursos)?

Ao fornecer um melhor conhecimento da Região de Turismo da Rota da Luz e uma maior eficácia quanto à distribuição de serviços, esperamos um aumento da procura turística na Região, que por consequência contribuirá para o seu desenvolvimento económico. Com a informatização dos serviços através da implementação de uma Intranet, ao nível interno, este projecto vai permitir ganhos significativos em tempo e em custos de comunicação. Ao passar de um modelo de conhecimento isolado, para um modelo de partilha do conhecimento, a Rota da Luz vai otimizar, sem dúvida, a afectação dos seus recursos.

Quem vai explorar os serviços e quem os vai manter?

Vai ser a Rota da Luz a manter as constantes actualizações da plataforma, em interligação permanente com as Câmaras Municipais, as unidades de alojamento, as empresas de animação turística e outras entidades que queiram vir a trabalhar connosco. A central de reservas vai ser gerida simultaneamente pela Região de Turismo e pela empresa fornecedora deste serviço.

Precisa de mais investimento em TIC? Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital? Porquê?

As TIC estão em constante evolução. Se no curto prazo, não será necessário mais investimento, seria negar a evolução dizer que, a médio prazo, não se fará mais investimento.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto Tupai

João Alvim, administrador da Tupai, explica o projecto Tup, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital e que designa Serviços de Gestão de Economato, Fabrico, Armazéns e Expedição da Tupai

Qual é o objectivo do projecto?

Consiste em conseguirmos automatizar alguns processos, acima de tudo a nível logístico, mas tão importante como esse é aproximarmos o cliente da Tupai. Visamos também criar na nossa página na Internet uma ligação on-line com os clientes.

Quais são os novos serviços que foram criados com o projecto?

Esta ligação via Internet vai permitir aos nossos clientes acederem à Tupai, consultarem a sua conta corrente nos últimos meses, as encomendas que têm cá colocadas, o preço das encomendas, etc.

Este projecto resolve que problemas?

Em termos internos, a automatização dos nossos armazéns veio possibilitar um permanente dos nossos armazéns. Um segundo aspecto é que alguns clientes tinham dificuldades em nos contactar, porque só o poderiam fazer dentro do horário de trabalho e às vezes os agentes estavam ocupados. No final do projecto, a qualquer hora do dia, vão poder consultar toda a sua informação. Vai, portanto, resolver-nos dois grandes problemas, um de comunicação e um interno de logística.

Que expectativas é que a Tupai tem relativamente a este projecto?

Muito altas. Penso que este projecto é o lançamento de um segundo passo da Tupai que passa por um comércio na Internet.

Quantas pessoas ficaram envolvidas por este projecto?

Dentro da Tupai envolvemos quase todas as pessoas e envolvemos algumas centenas de pessoas que trabalham connosco. A Tupai tem mais ou menos activos cerca de mil clientes, por isso, admitindo que em média cada um desses clientes tem dez pessoas a trabalhar lá, a Tupai está a contactar cerca de dez mil pessoas, o que é um leque muito vasto e que nos dá uma capacidade muito grande de interagirmos com o nosso mercado.

Esse foi o maior impacto deste projecto?

O maior impacto vai ser proporcionarmos aos nossos dez mil utilizadores de clientes um contacto permanente com a Tupai.

Mas tem outros benefícios? Os custos vão ser menores?

Não quero olhar pela lógica dos custos, mas pela teoria da eficácia e eficiência. Vamos ser mais eficazes, mas mais importante, vamos ser mais eficientes, vamos ser mais

dirigidos, vamos estar disponíveis quando as pessoas precisam de nós e isso é que é o mais importante.

Entrar num nova era empresarial.

Com certeza e definitivamente assumir ca da vez mais a Tupai como líder no mercado nas ferragens de decoração para habitação e entrar nesta nova era de uma forma decisiva, afirmativa e com plena consciência de que este é o nosso caminho.

É um projecto ainda para explorar e que a Tupai vai manter?

Não há dúvida alguma. É o primeiro passo que temos de dar, a partir daqui há uma grandeza tão grande em termos de desenvolvimento que a Tupai tem e que virá a fazer.

Vai ser preciso mais investimento em TIC?

É daquelas áreas em que tenho muita dificuldade em controlar o investimento. Tenho a certeza que vamos precisar de mais Aveiro Digitais, mais programas deste género para podermos continuar a evoluir.

Em que fase é que está o projecto?

Está numa fase intermédia a passar para a fase final. Parte da nossa automatização de logística está muito adiantada, o trabalho mais duro que foi referenciar, tratar, organizar e planear toda a área da logística está quase feito, vamos agora para o trabalho mais final que é abriremos as portas dessa área aos nossos clientes.

Quando é que o projecto estará concluído?

Quanto antes, mas vamos estar prontos dentro do prazo previsto, até ao final deste ano.

Voltaria a candidatar-se ao programa Aveiro Digital?

Sim, mas teria dado mais passos. Estamos muito satisfeitos, embora diria que estas questões das candidaturas têm sempre o problema de alguma burocracia, alguma logística um pouco pesada e penso que programas futuros poderiam aligeirar essa área. É uma crítica construtiva ao programa, porque acho que está a ser muito bem orientado e acompanhado, mas julgo que poderia melhorar nesse aspecto.

Área de intervenção 7 – Tecido Produtivo

Projecto uebe.SI

Rui Lopes fala do “Projecto uebe.SI”, Serviços de Back-office e Gestão Integrada da empresa Ponto.C- Desenvolvimento de Sistemas de Informação Lda.

Qual é o objectivo do projecto?

O objectivo principal é a gestão da relação do cliente com a Ponte C. Para fortalecer esse relacionamento, faltavam-nos algumas ferramentas. O projecto vem materializar o esforço que já fazíamos. Permite que o relacionamento seja mais estável e centraliza o cliente neste relacionamento.

Que serviços são criados?

Vamos otimizar os nossos processos internos, fortalecer e criar uma plataforma de comunicação com o cliente e temos ainda uma componente de teletrabalho. Todas estas componentes juntas vão fazer com que os serviços que de alguma forma já desenvolvemos passem a estar disponíveis para o cliente da forma que ele nos pede. O cliente entra com “login” e “password” e tem uma plataforma adaptada aos seus conteúdos. Notícias e actualizações de software adaptadas ao cliente. Poderá inserir reclamações e fazer o seu acompanhamento, preencher inquéritos de satisfação...

Tudo isso através de um site Internet...

Sim. Através do site, este relacionamento sai muito mais fortalecido. Há uma zona reservada no nosso site para esse efeito.

Quais as vantagens? Menos burocracia? Menos tempo?

Para o cliente, é o relacionamento que sai melhorado. Menos burocracia para o cliente e o fornecedor – o que representa menos custos para o cliente e para a empresa. As reais necessidades dos clientes são melhor conhecidas. Os clientes têm-nos pedido este tipo de proximidade.

Ao longo do projecto, quais foram as principais dificuldades?

A componente de gestão dos requisitos é sempre difícil. Apesar de termos “feedback” dos clientes, chegar ao ponto de acertar os requisitos entre clientes, gerência e colaboradores é o mais complicado. A fase de desenvolvimento é um processo habitual.

O projecto está orçado em quanto?

25 000 euros.

É um orçamento realista?

Algumas componentes exigiram um replaneamento. Mas o orçamento é suficiente.

Quando começou o projecto?

Começou no início do ano. Temos três componentes: comunicação com o cliente, processos internos e teletrabalho. O teletrabalho começou no início do ano. Já é possível a um colaborador, esteja em casa ou num cliente, aceder e ter o seu ambiente de trabalho como se estivesse na empresa. A componente de gestão de processos está em desenvolvimento, mas já é utilizada na parte de gestão de projectos e custeio. Em relação à comunicação com o cliente só existem protótipos. O cliente ainda não vê os seus projectos e a sua informação.

Deverá estar tudo concluído no final de 2005.

Sim, o projecto é de um ano.

Vão testar o projecto?

Com clientes da nossa empresa, que terão acesso a áreas reservadas.

O apoio do programa Aveiro Digital foi determinante para a empresa desenvolver este projecto ou iria de igual modo desenvolvê-lo?

Mais cedo ou mais tarde teríamos de caminhar neste sentido. O facto de melhorarmos os nossos processos internos é concorrencial. Teríamos mesmo de o fazer. Quanto à comunicação com o cliente, é nossa estratégia e também teríamos de o fazer. Quanto ao teletrabalho, os nossos colaboradores já tinham pedido que isso acontecesse. O Projecto Aveiro Digital incentiva-nos a seguir esse caminho e coloca-nos alguns prazos - o que nos obriga a desenvolver o projecto. É o que estamos a fazer.

Precisa de mais investimento em novas tecnologias?

Anualmente temos um orçamento já destinado às TIC. Com o finalizar do projecto, no ano a seguir já estamos de novo a investir. É normal. Temos mesmo de o fazer.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto AAD-TA

João Aidos, do Teatro Aveirense, fala da AAD-TA – Academia de Artes Digitais, que prevê a criação recursos técnicos e humanos para desenvolver obras de arte digital

O que se pretende com esta Academia de Artes Digitais?

Esta Academia pretende ser um espaço em que a arte digital, a multimédia e a arte virtual são a forma de trabalhar. É um espaço de criatividade. Pretende-se desenvolver recursos técnicos e humanos para aplicar nas artes performativas, da dança ao teatro, passando ópera. Tudo o que se pode fazer neste âmbito exige meios técnicos avultados – são máquinas pesadas e de ponta – e recursos humanos especializados. Por isso é muito difícil a criação artística nesta área. A Academia permitirá que um criador desenvolva os seus projectos no Teatro Aveirense (TA) em colaboração com a Universidade de Aveiro, dado que o Departamento de Comunicação e Arte e alguns professores desenvolvem trabalhos nestas áreas. Faz todo o sentido que uma cidade como Aveiro, virada para a tecnologia, tenha uma academia deste tipo.

Numa peça de teatro ou de bailado, em que é que a AAD-TA pode ter uma influência decisiva?

É fundamental a formação intensiva de recursos técnicos para desenvolverem o trabalho. Um dos primeiros cursos é “Modelização em 3D”. Serve, por exemplo, em termos de dança, para um bailarino estar ligado a sensores e todos os seus movimentos serem transferidos para computador, onde podem ser trabalhados. Há um outro projecto que é a Ópera Atlântico, com música e libreto de Carlos Alberto Augusto e baseada numa peça de Abel Neves. A ideia é criar todos os cenários virtuais, em raios laser. Um dos últimos trabalhos, em colaboração com o “Espaço do Tempo”, do Centro Coreográfico em Montemor, de Rui Horta, vai ter aqui a estreia nacional.

O projecto vai começar ainda este ano, em Dezembro, altura em que faremos uma bienal de artes digitais. Pretendemos que estes trabalhos, que são feitos muito pontualmente pelo país, se centralizem em Aveiro.

Há dois pilares neste projecto, um de apoio e outro de criação...

A curto prazo, queremos que Aveiro, através da mostra bienal, seja reconhecido a nível nacional e mesmo internacional. Em termos futuros, queremos criar as tais condições de recursos humanos e técnicos para os criadores poderem desenvolver projectos.

Este projecto vai garantir esse equipamento?

Sim. Há um grande investimento em equipamento. Uma parte vai ficar alojado à Sala Estúdio (foto) e outra na Fábrica da Ciência, que tem espaço em bruto fantástico, autênticas salas de trabalho. O objectivo é que daqui dois anos um coreógrafo como o

Rui Horta ou a Vera Mantero possam concorrer ao Ministério da Cultura ou ao Instituto das Artes para desenvolver um projecto em Aveiro.

Neste projecto as atenções estão centradas nos artistas e não no público...

Direccionamo-nos aos grandes criadores nacionais. Mas como isto vai trazer criadores a Aveiro, creio que vão movimentar-se determinados tipos de público e criar outros.

É um passo para a modernização do TA?

Modernização e singularidade. A nossa programação pode assemelhar-se a outras, embora tenhamos um Serviço Educativo muito activo. Penso que com este projecto poderemos destacar o TA no meio de outros: teatro da modernidade numa cidade moderna.

Quem são os parceiros? Estão decididos?

Praticamente. Estamos ainda a convidar especialistas para ateliês. Alguns estão confirmados, como o “Espaço do Tempo”, de Rui Horta, a Universidade de Aveiro, através da Fábrica da Ciência, da Fundação Jacinto de Magalhães e do Departamento de Comunicação e Arte. Depois, em cada área temos de ir buscar quem mais tem trabalho de ponta nesta matéria.

Na parte dos materiais e programas, são empresas da região?

Não. São sobretudo de Lisboa.

Sentiam necessidade de investir nesta área?

Pela minha parte, já a sentia quando estava na Efémero – Companhia de Teatro de Aveiro, que procurava ligar-se às novas tecnologias. O próprio espaço do estaleiro funcionava a esse nível. Mas aqui há uma oportunidade de dar um grande salto.

O TA admite continuar a recorrer ao Programa Aveiro Digital?

Concorremos há muito pouco tempo a um projecto que tinha a ver com a digitalização da documentação do nosso espólio, que é uma memória e arquivo invejável. Há neste momento duas pessoas a fazerem mestrado e doutoramento sobre o nosso espólio. Um dos problemas é a comunicação com a comunidade. Há uma dispersão muito grande da informação. É necessária a concertação numa espécie de agenda com toda a actividade regional, como de certa forma já foi ensaiado durante o Euro 2004. Isso poderia passar, por exemplo, pela apresentação na Internet dos equipamentos da área metropolitana, teatros, museus, etc., que serviria em termos turísticos mas também em termos de produção teatral. Como produtor, poderia ver num site, em 2D ou 3D como é o TA ou o de Estarreja e quais as suas características técnicas. Não é nada complicado fazer isso. Seria bom para ter uma noção do que existe e do que cada um faz. É uma proposta.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto Adira

Francisco Gamelas, presidente da direcção da Sociedade Recreio Artístico, explica o projecto Adira, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto tem por missão a disponibilização de serviços para a gestão e promoção das Associações da Região da AMRia

Qual é o principal objectivo do projecto?

Este projecto integra-se num movimento associativo e passa por equipar todas as associações, neste caso 60, entre Mira e Ovar, de novas tecnologias de informação e comunicação. Irá ser dada formação e as pessoas terão a oportunidade não só de aprender, mas também a possibilidade de ter a certificação de competências básicas.

Que novos serviços foram criados?

A partir do momento em que o portal esteja aberto iremos ter toda uma vasta gama de produtos e serviços, que reflectirão o trabalho e dia-a-dia das próprias associações, bem como a possibilidade de divulgar para as autarquias envolventes (onze municípios da AMRia) todas as actividades de todas as associações por um calendário próprio que terá. A par disto, vamos ter a possibilidade de dentro de um portal cada associação ter a sua folha e ainda partilhar experiências uns com os outros.

Nomeadamente fazer actividades comuns?

Exacto. Vamos criar eventos de dois em dois meses nos diversos municípios da AMRia. É evidente que não é de um dia para o outro que as coisas vão aparecer, até porque o portal só estará on-line a partir do final do ano e até lá há muito trabalho pela frente, há a possibilidade das pessoas poderem consultar documentos, que poderão ser importantes, e que obviamente terão um acesso restrito.

Qual é utilidade do projecto?

É unir as populações, é chegar mais longe, é a custo praticamente zero poder levar a cultura de toda a uma região a toda a gente de uma forma simples. Para além disso penso que vamos prestar um grande serviço a todas as comunidades envolventes a estas 60 associações. Aqui na Sociedade Recreio Artístico vamos abrir uma sala, que se vai designar de «Sala do Adira», que irá estar aberta aos sócios da colectividade bem como de toda a população.

Que problemas o projecto resolve dentro das colectividades?

Em primeiro lugar, poupa-se dinheiro. Depois, toda uma vasta gama de serviços que nos são dados via Internet, desde as colectividades desportivas poderem fazer marcações e inscrições junto das federações, utilizando as suas formas de pagamento.

Quais os impactos do projecto?

Para além de tudo o que já foi referido, o projecto permitirá organizar eventos culturais, desportivos ou recreativos, sem que para isso seja preciso ir bater à porta das autarquias. É um compromisso que assumimos, de dois em dois meses cada concelho vai criar uma actividade. Por exemplo, em Setembro, vai ocorrer uma grande festa em Aveiro. Estas 60 associações vai trabalhar todas em conjunto por um objectivo comum. Até o próprio nome do projecto é convidativo, adira.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

São 60 associações, desportivas, recreativas e culturais desde Mira e Ovar e existe a possibilidade de crescer ainda mais. Nós propusemo-nos a concretizar 200

certificações em competências básicas, mas penso que iremos chegar ao fim do ano com cerca de 600. Pretendemos ainda chegar ao final do ano com mais 40 associações, completando a uma centena e espero em 2006 ter 200 associações. Abrange ainda cerca de dez mil sócios e a população envolvente destes municípios são 300 mil pessoas e esperamos ter a adesão, pela consulta no portal, de 125 mil pessoas.

É um projecto para manter. Quem é que o vai continuar?

O projecto foi começado e idealizado pela Sociedade Recreio Artístico. O projecto está organizado de uma forma autónoma para que se, eventualmente, vier outra direcção não haja problemas com o projecto. É um projecto de futuro e com futuro. Penso que as associações têm aqui a grande oportunidade de darem um salto qualitativo e quantitativo a todos os níveis.

Precisa de mais investimento em TIC?

Sim. Vão ser precisos muitos investimentos, nomeadamente em TIC.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sim, porque o movimento associativo precisava deste projecto. Penso que toda a gente que trabalha de uma forma carinhosa, sem ganhar um tostão, em prol destas colectividades e populações, que põem cidades, vilas, aldeias, lugares tudo a mexer, merece um projecto como este. Esperamos poder servir de exemplo para esta gente toda e que outras associações sigam o mesmo exemplo.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto BIBRIA

A Biblioteca Municipal de Aveiro é uma das quatro entidades beneficiárias do projecto BIBRIA, da Aveiro Digital. Madalena Pinheiro, uma das responsáveis pelo projecto, falou ao PRAÇA PÚBLICA, fez o ponto de situação e mostrou-se confiante no futuro do projecto.

Qual o principal objectivo deste projecto?

As quatro entidades beneficiárias deste projecto, a Câmara de Ovar, a Câmara de Oliveira do Bairro, a Câmara de Aveiro, e a Universidade de Aveiro, através das suas bibliotecas públicas vão desenvolver um projecto de uma biblioteca digital cujos conteúdos farão parte os fundos bibliográficos destas bibliotecas. São conteúdos que consideramos ter valor histórico, económico e social que passarão a estar em livre acesso a toda a população da região.

Qual a principal aplicação e utilidade deste projecto?

Ao digitalizarmos 250 mil imagens dos fundos documentais destas bibliotecas com documentação especializada desta região, vamos permitir que um grande conjunto de potenciais utilizadores tenha um acesso, a partir das suas casas, livre e directo, fiável e mais rápido.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Vamos ter um portal de acesso via Internet onde as pessoas vão poder consultar jornais, revistas, livros e documentos de valor histórico de toda a região.

Quais os principais problemas que visa resolver este projecto?

Em primeiro lugar a acessibilidade aos documentos. De uma forma rápida e fiável qualquer pessoa poderá aceder à informação que pretende consultar a partir de casa, não tendo que se deslocar às bibliotecas. Por outro lado, o não manuseamento destes documentos, vai-nos permitir conservar ainda mais o nosso património documental

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços?

Em primeiro lugar nós pretendemos chegar à população destes municípios que tenham acesso a um computador. Por outro lado pensamos que o projecto irá alargar-se a todo o país, pois temos muitos utilizadores que nos procuram nas bibliotecas e que têm dificuldades em deslocar-se a estes espaços.

Quem vai explorar e manter actualizados estes serviços?

Serão as entidades beneficiárias.

Precisa este projecto de mais investimento?

Para esta primeira fase penso que o investimento será o suficiente. De futuro é nossa ideia que o projecto tenha continuidade e evolução para lá de 2006, por isso precisaremos de mais investimento.

Voltariam a candidatar-se a este projecto, e porque razão?

É óbvio que sim. Consideramos que este projecto é prioritário para o desenvolvimento da cultura e do acesso à informação aqui na região da Ria.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto Infordico

Agostinho Ribau Esteves, presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, explica o projecto Infordico, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto designa Serviços Online e webização interna do Museu Marítimo de Ílhavo

Qual é o principal objectivo do projecto?

A ideia foi somar às capacidades que o nosso museu tem um conjunto de capacidades utilizando as novas tecnologias da informação e da comunicação de forma a facultarmos melhores condições técnicas para a visita de determinado tipo de universos e buscarmos do projecto a capacidade de tratarmos, em primeiro lugar, um vastíssimo conjunto e informação que o museu tem e poderemos, por tratamento digital e informático dessa informação, virmos a disponibilizá-la não só aos visitantes mas aos cidadãos em geral. É um projecto que foi desenhado dentro desta nossa lógica, que está na base deste renovado museu inaugurado em Outubro de 2001, que consiste misturarmos a história de que somos herdeiros o mais possível com capacidades técnicas novas que permitam facilitar a vida de quem conta a história e de quem a percebe e aumentar a atractividade do museu nomeadamente por força das aplicações vídeo e informáticas possibilitando a visita virtual. É com base neste conjunto de objectivos que nasce o Infordico, um projecto na casa dos 500 mil euros.

Como é que o projecto vai funcionar na prática?

Uma das capacidades novas mais conhecidas do nosso museu que surgiu de investimento financiado por este projecto são um conjunto de equipamentos para facultar uma visita fácil aos cidadãos cegos, permitindo que este faça a visita ao museu percebendo-o na maior parte do seus elementos. Achámos que esta componente do aumento da capacidade do museu de ser universal era muito importante, por um lado pelo objectivo em si e, por outro, pela imagem que isso também confere. A este nível, o Museu Marítimo de Ílhavo é o número um a nível nacional e isso surge deste projecto.

Que outros serviços foram criados?

Aproveitámos esta oportunidade para tratar e disponibilizar muito em especial dois tipos de informação que o museu tem, em primeiro lugar o nosso espólio que está a ter no âmbito deste projecto um trabalho de digitalização e de ficha de identificação que depois se disponibiliza a toda a gente quer o espólio que se constata quando se visita o museu quer o vasto espólio que está em reserva que não pode, por uma questão de espaço e de filosofia das exposições, estar disponível a quem o visita fisicamente, mas que pode fazê-lo pela visita virtual. Por outro lado, o museu é guardião das fichas de identificação dos marinheiros portugueses que andaram na

frota do bacalhau. São cerca de 25 mil fichas que estão a ser digitalizadas e tratadas e o seu acesso vai ser disponibilizado de forma universal pelo Infordico.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

Será muito útil para investigadores e para os cidadãos que procuram referências da sua história e dos seus antepassados. O projecto tem ainda o objectivo muito claro de estender o museu a qualquer lado, que vai para além do conceito tradicional de um museu que guarda coisas, mas sim um espaço que conta histórias e que as pode contar de várias maneiras e este campo da área virtual e espaço Internet é um dos campos onde parte da história que o museu guarda e promove pode ser partilhada.

O projecto resolve alguns problemas internos do museu?

Resolve um que era muito delicado para nós, que se prende com a gestão do espólio. O espólio tinha uma gestão manual, o acesso às fichas de caracterização de cada peça do espólio era delicado e passamos a ter em base informática todo o espólio e podemos manuseá-lo e em cima desse trabalho ter uma política definida e facilmente planificada de conservação desse mesmo espólio.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

É um projecto estritamente do museu, embora com o objectivo determinado de criar capacidades para que o museu possa estar em rede e ligação directa (online) com outros museu, nomeadamente da região da AMRia. Essa é uma das capacidades que fica instalada, embora este seja um projecto Museu Marítimo de Ílhavo e além dos nossos colaboradores e funcionários, envolve um conjunto de empresas prestadoras de serviços e vendedoras de equipamentos, que são parceiros fundamentais.

Quais os impactos do projecto?

Derivam muito dos objectivos. Em primeira instância, a possibilidade que temos de usar as competências que o projecto cria para que a visita virtual seja um aliciante para que as pessoas façam a visita física.. O outro impacto é o de termos uma capacidade mais ágil e eficaz, menos morosa para manusear o espólio e para definir e gerir políticas de conservação.

É um projecto sem retorno. Vai continuar?

Claro. São oportunidades que não se confinam ao período de execução dos projectos. No fundo, é o aproveitamento de uma oportunidade que é financeira e técnica para criar capacidades que ficam como qualificação de uma determinada estrutura.

Precisa de mais investimento em TIC?

Sim. O nosso museu é um agente de informação permanente em crescimento e vamos querer que continue a crescer em qualidade e em capacidade de partilhar a informação de que é portador. Temos a ambição de desenvolver outras ideias para que o museu cresça.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Obviamente. Certamente teríamos feito mais um conjunto de coisas, mas foi uma oportunidade extraordinária que aproveitámos e ficámos melhor preparados para aproveitar outras que seguramente nos vão surgir.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto MEMDigital

José Cláudio Vital, vereador da cultura da Câmara Municipal de Estarreja, explica o projecto memdigital, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto tem por missão a digitalização e serviços online do acervo histórico da Casa Museu Egas Moniz

Qual é o principal objectivo do projecto?

Tem por principal finalidade a digitalização do acervo documental da Casa Museu Egas Moniz, constituída por um primeiro conjunto de cerca de 35 mil páginas entre publicações, correspondência e manuscritos. Este arquivo é procurado essencialmente por estudiosos quer da biografia do Professor quer da história da ciência e ainda por investigadores quer procuram bases históricas naquilo que é o quadro de investigação na área da neurologia. Existe ainda alguma procura histórica de outros documentos, nomeadamente uma edição raríssima de uma geneologia e ainda uma quantidade muito grande de correspondência pessoal do Professor quer com escritores, homens das artes, quer com políticos e na área da política.

Este era o elo que faltava na Casa Museu?

O projecto memdigital, de um centro de documentação pesquisável numa Intranet e na Internet e da junção ao percurso expositivo de alguns elementos na área das TIC que promovam a melhoria das condições de acesso do público às colecções artísticas e à memória científica, complementa-se com o projecto do Centro de Ciência Egas Moniz e com o projecto de recuperação do edifício que envolve também a recuperação paisagística da Quinta do Marinheiro onde a casa museu está incluída. É um projecto vasto e ambicioso.

E que vai incluir muito investimento.

Certamente por parte da Câmara e necessariamente por parte do Governo Central de quem esperamos que venha apoio para as outras áreas. É óbvio que esta melhoria do acesso quer ao acervo quer às colecções artísticas quer também através da exibição de um documentário que vai ser também inserido no Projecto memdigital visa aproximar quer o público da área da história e da investigação científica, quer o público mais frequentemente assíduo na Casa Museu, as escolas. E para isso a introdução das TIC com possibilidade de se recorrer a pequenos aparelhos com ficheiros mp3 que permitem adicionar alguma informação, traduzir essa informação em várias línguas, através de uma visita que será acompanhada em termos sonoros e ainda da colocação de um espaço home cinema onde se vai exhibir em permanência um documentário sobre Egas Moniz.

Quais são os novos serviços que este projecto vai permitir?

Primeiro, um centro de documentação, que é o principal ênfase do projecto. É um serviço de inegável préstimo, principalmente na área da investigação histórica e científica. Os outros serviços de ajuda à interpretação do percurso expositivo são obviamente serviços complementares.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

Estamos a falar de um passo fundamental na democratização do acesso a um acervo de invejável qualidade e muitíssima importância. Para além de um brilhante investigador, de um cientista de nomeada mundial, granjeado com um Nobel, ele foi um médico dedicado, foi um escritor, foi coleccionador de arte, um homem que protegeu os artistas e para além do mais foi político. Há aqui uma conjugação de

factores que enquadrados na história do Século XX constitui-se um património de riqueza muito grande e que estando ao dispor de toda a gente, através deste processo da digitalização e da constituição de um centro documental, constitui mais um passo na aproximação ao grande público.

O projecto resolve alguns problemas do museu?

A casa Museu precisa, para além disso de uma aproximação efectiva através de serviços lúdicos, educativos e atractivos. Há que criar eventos, recursos e disponibilizá-los no sentido de tornar o museu mais apelativo.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

Começamos a ficar peritos em conseguir fazer grandes projectos com muito poucos recursos. Nós precisamos de recrutar apenas uma pessoa exterior à autarquia para este projecto. Estamos, portanto, a trabalhar com a prata da casa e envolvemos apenas duas entidades prestadoras de serviços.

Quais são os impactos do projecto?

Acho que este projecto se vai reflectir essencialmente a dois níveis, o primeiro é ao nível dos investigadores, quer históricos quer científicos, ao nível das universidades, junto dos alunos de mestrados e o impacto do público-alvo do museu, que é a comunidade escolar e, nos últimos anos, um crescendo exponencial na área do turismo sénior.

É um projecto sem retorno. Vai continuar?

Obviamente. Ter um centro de documentação disponível significa que Casa Museu prestará um novo serviço e esse serviço será em permanência.

Precisa de mais investimento em TIC?

Com a reformulação da Casa Museu, vamos redefinir o percurso expositivo, o que significa que vamos adaptar um percurso que foi montado no início dos anos 60 à necessária realidade do Século XXI. Isso significa a disponibilização de alguns equipamentos no futuro que, pelas facilidades que as TIC nos dão, serão necessárias.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sem dúvida, provavelmente teremos começado a idealizar o projecto com mais antecedência, no sentido de o completarmos um pouco mais e de envolvermos o aspecto da recriação científica utilizando as TIC do percurso do Professor.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto MUSEAVE

Ana Margarida Ferreira, directora do Museu de Aveiro, apresenta o Projecto Museave, que visa criar serviços e produtos pedagógicos para pólos museológicos

Que produtos e serviços pedagógicos vão ser criados por este projecto?

O nosso objectivo é produzir uma aplicação digital onde vamos explorar conteúdos museológicos e patrimoniais de forma lúdica, para uma faixa etária dos 8 aos 12 anos. Vamos fazer um jogo sobre a origem do Convento de Jesus – onde está instalado o Museu –, e a relação com os territórios envolventes de Aveiro. Podemos nomear o Museu do Requeixo e o Ecomuseu da Marinha da Troncalhada, Vagos e Oliveira do Bairro. O Convento de Jesus, nos sécs. XV e XVI, tinha casais agrícolas, quintas e marinhas, e toda a vida económica e acção cultural do Convento se desenrolava na cidade e nestes pólos.

Trata-se de inovação ao nível dos conteúdos?

Não há inovação em termos de investigação. As fontes históricas são conhecidas há muito e estão publicadas, como a Crónica da Fundação do Convento ou a história do Convento de Jesus, por Domingos Maurício. Trata-se de inovar ao nível das formas de comunicar. Este produto digital é que constitui o nosso média inovador.

É algo para os alunos verem no Museu ou para verem o Museu a partir das escolas?

O nosso objectivo é que o jogo esteja acessível das formas mais diversas e, portanto, na Internet. No Museu e nos pólos associados, vai haver pontos multimédia, onde os nossos visitantes poderão fruir desta estratégia, mas também de outras. O Museu da Aveiro vai ter uma microgaleria digital, com oito postos, mas os computadores não vão estar aqui simplesmente para jogar este joguinho. Vão ter ligação ao Martiznet [<http://matriznet.ipmuseus.pt>], que é o “front-office” do inventário dos museus nacionais. Os nossos visitantes poderão usar esses computadores para aceder a outros conteúdos. No Museu do Requeixo vai haver dois postos, tal como no da Palhaça.

O projecto Museave representa um avanço tecnológico?

Este projecto é uma experiência. Vale como experiência de criação de produtos pedagógicos para exploração de conteúdos museológicos e patrimoniais. Com o valor desta candidatura não podemos fazer um jogo de alta tecnologia. Vamos fazer um ensaio de um produto pedagógico para uma faixa etária muito circunscrita e muito bem pensada e que pretendemos que seja inovador para ser potenciador de outros projectos.

Como se estão a organizar para desenvolver o projecto?

Desde logo, tivemos de nos organizar como consórcio, com várias equipas camarárias dos sectores de cultura e museus. Depois, temos fornecedores de serviços, como um consultor da Universidade de Aveiro. E estamos a fazer diligências para encontrar um medievalista que valide os conteúdos históricos que vão ser transmitidos. A investigação, fazemo-la nós. Temos competências para isso. Mas ao transpor para as novas linguagens, precisamos de um especialista

que faça a validação dos conteúdos, que nos diga que o chapeuzinho está correcto, que na naquela época se usavam chapéus quadrados e não em bico, por exemplo.

Encontraram todos os apoios na região de Aveiro?

Até agora sim. De alguns ainda estamos à procura.

Quando é que o projecto vai ter uma presença efectiva na vida das escolas?

O nosso cronograma prevê que o produto esteja completamente operacional no final de 2006.

Quando fala da atenção às novas tecnologias, deduz-se que vai estar atenta à possibilidade de novas candidaturas...

Acredito nas tecnologias como meio de comunicação nos museus. Estamos a começar uma grande obra de requalificação e ampliação do Museu de Aveiro. Contamos que comece em Novembro e dure três anos. Espero que no museu refundado seja possível ter folhas de sala e tabelas convencionais, mas também outras estratégias de comunicação baseada no digital.

Qual seria a sua prioridade no âmbito digital?

Há duas áreas que me interessa aprofundar: esta da comunicação dos conteúdos e outra que tem a ver com a monitorização e controle das condições de ambiente (iluminação, humidade, temperatura, fluxo de visitantes...) em que estão as colecções, isto é, conservação preventiva. É um sector que funciona ainda de forma muito artesanal.

Perdem-se peças?

Não é se pode fazer uma leitura de causa-efeito, mas o tempo é impiedoso. Os objectos envelhecem como nós. Ora, também é possível fazer uma espécie de medicina preventiva para os objectos. E isto tem de passar pelo uso do digital.

Destaca mais algum valor neste projecto?

Na experiência do Museave há um valor a potenciar em termos futuros: o trabalho em consórcio, a produção de conhecimento em rede. Gostaria que o trabalho com equipas de Aveiro, Vagos e Oliveira do Bairro, que está a ser absolutamente gratificante, tivesse continuação. Devemos aprofundar a produção de conhecimento e sua transmissão em rede. O Museave é uma pequena experiência que pode potenciar coisas futuras.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto P@z

Manuel Arcêncio da Silva, provedor da Santa Casa da Misericórdia da Murtosa, explica o projecto p@z, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto tem por missão a disponibilização de serviços on-line e arquivo digital do Juizado de Paz da Murtosa

Qual é o principal objectivo do projecto?

Este projecto nasceu de uma descoberta interessante. Há uns anos atrás faleceu na Santa Casa um senhor chamado Dr. José Tavares Afonso e Cunha, que era um ilustre advogado da Murtosa e que, para além disso, foi presidente da Câmara da Murtosa, era um homem fantasticamente culto, solteiro, muito dedicado quer ao direito e jurisprudência quer à história da Murtosa. Ao longo da sua vida, fez várias coisas e uma delas, muito interessante, é que foi o último Juiz de Paz da Murtosa, significando tudo isso que, para além de todos os documentos que tinha na sua posse e para além do que escreveu ao longo da sua vida, conseguiu coleccionar as actas do Juizado de Paz da Murtosa. Quando ele faleceu, o que aconteceu aqui no Lar da Santa Casa, ele doou à instituição toda a sua biblioteca particular e descobrimos que no acervo bibliográfico dele, para além de uma biblioteca eclética que caracterizou uma vida de um homem que sempre se dedicou aos livros e à cultura, à jurisprudência e ao direito, existiam manuscritos do Juizado de Paz. Nós guardámos aquilo, mas fiquei sempre com a preocupação sobre que futuro é que se devia dar àquela quantidade de alguns metros lineares de manuscritos do Juizado de Paz.

Situação que resolveu com o P@z.

Quando surge o Aveiro Digital, decidimos candidatar a digitalização e a digitação desses documentos e a respectiva webização dessa informação para poder partilhá-la on-line com outras pessoas. Isto porque descobrimos que uma boa parte daquilo que hoje é a Murtosa e os problemas que teve ao longo dos séculos XVIII e XIX estão espelhados lá, desde partilhas, zangas, separações, quebras de sociedade, divisões de terras e de bens. Achámos que essas realidades tinham algum interesse e seria um bem muito precioso para esta terra que pouca história tem e muito menos ainda sistematizada. Esta transposição digital destas actas é apenas um pequeno ponto de partida para algum trabalho que amanhã alguém queira fazer.

Como é que o projecto vai funcionar na prática?

Transpomos para formato digital quer a imagem quer o texto das actas. As pessoas podem consultar em formato texto e podem usá-lo se quiserem e ao mesmo tempo podem ver a imagem fiel do documento. Esse material ficará instalado no servidor da Santa Casa e que pode ser consultado.

É um novo serviço que a Santa Casa presta.

É uma diversificação daquilo que fazemos. Não tem nada a ver com aquilo que fazemos, é apenas uma mais-valia para um acervo bibliográfico que nos foi doado e que merece todo o nosso respeito.

Qual é a sua aplicação e utilidade?

O serviço tem utilidade para estudiosos, historiadores, para advogados que queriam perceber como é que aconteceu determinado fenómeno a um cliente que lhe aparece, para juizes que queiram estudar algumas causas para situações que tenham em mãos. É mais um serviço de consulta e de pesquisa.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

O projecto é relativamente pequeno. Tem dois técnicos de informática, um programador e um webdesigner, tem uma pessoa que está a fazer a digitação do texto e outra que está a fazer a digitalização do texto.

Que impactos é que o projecto pode ter?

A mais valia lateral deste projecto tem sido a seguinte: nós temos uma funcionária que está a fazer o trabalho da digitação dos textos, que pediu autorização para fazer umas sessões de leitura com os idosos, entre as quais leu uma acta que tinha em mãos e de repente, uma idosa pediu para repetir o nome e disse que a interveniente no documento era sua avó. A partir daí, as actas passaram a ser lidas de quando em quando, exactamente porque saltam nomes e histórias de vida.

O projecto está em que fase?

Neste momento está a 70 por cento do que foi proposto, mas tem trabalho para mais cinco ou seis anos, porque trata-se de muitos metros lineares de documentos. Nós pegámos nos mais representativos para dar cumprimento ao projecto, mas há muito mais ainda por fazer. Para além disso, pretendemos, quando o projecto acabar, dar um outro ênfase, em que passaremos a digitar os textos das actas da própria Misericórdia para poderem constar em acervo digital, também na página web.

Precisa de mais investimento em TIC?

É um projecto essencialmente tecnológico e vamos ter que continuar a ter formação em TIC e a actualizar todo o software que existe.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sem dúvida. Acho que é uma mais-valia quer para a Murtosa quer para o distrito a nível de um conhecimento de um passado que alguns concelhos têm comum connosco.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto Piar

Vasco Lagarto, presidente da Terra Nova – Cooperativa de Radiodifusão e Acção Cultural, explica o projecto Piar, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O projecto designa a prestação de um Serviço Público de Informação via RDS

Qual é o principal objectivo do projecto?

Basicamente pretende-se levar a informação de diferentes tipos ao cidadão, ou seja, colocar a informação na rua. No fundo, este projecto complementa alguns dos meios de informação existentes.

Na prática, como é que vão fazer chegar a informação às pessoas?

O processo é relativamente simples. Nós estamos a aproveitar a capacidade de transmissão ou de transporte que o RDS tem. O RDS é um serviço que praticamente todas as rádios têm e tem algumas capacidades que normalmente não são exploradas. Na prática não permite transmitir muita coisa, são cerca de dez letras por segundo, mas que está permanentemente disponível. Para o fim em causa, que no fundo é enviar informação e uma ou outra imagem de vez em quando, para painéis alfanuméricos, a capacidade e funcionalidades que tem são mais do que suficientes.

De que forma essa informação é colocada nesses painéis?

A informação pode ser colocada de forma manual ou de forma automática. Recorrendo a esta última, fazemos uma ligação entre a Internet e a plataforma Piar. O sistema nessa altura vai buscar, automaticamente, um conjunto de notícias que existe nos sites dos diferentes utilizadores. No caso manual, existe um módulo em que se entra no back-office da plataforma e colocamos a informação de acordo com o formato que pretendemos. A partir do momento em que se dá a ordem de envio, a informação é transmitida automaticamente através do RDS da Terra Nova e aparece, algum tempo depois, nos painéis.

Que tipo de informação é que lá é colocada?

Podem ser notícias, informação relativa a eventos de carácter cultural, desportivo, ou avisos para a população, como por exemplo, para não esquecer de pagar o imposto de selo. Pode ainda constar publicidade, porque o projecto precisa de ser rentabilizado para manutenção futura. Não estamos a falar em imagens animadas, mas um ou outro logotipo, no entanto, basicamente o que pretendemos é texto.

Quantos painéis é que estão neste momento na rua?

O objectivo final do projecto é instalar 27 painéis, em que dez são no concelho de Ílhavo, dez no de Aveiro e sete em Estarreja. Neste momento estão instalados 20, faltando apenas três em Aveiro e quatro em Estarreja.

Eles ficam colocados em locais estratégicos?

Esse processo ficou um pouco à consideração das autarquias envolvidas pelo projecto, porque conhecem melhor os locais onde a informação poderá ser mais útil e vista por mais pessoas.

Qual é a utilidade deste novo serviço prestado à população?

Um dos objectivos é envolver um pouco mais o cidadão com a sua comunidade, porque sabemos que a rádio é um meio para levar a informação às pessoas, assim como a Internet ou o jornal, mas às vezes as pessoas circulam um pouco distraídas e pretendemos que de repente deparem com algo que lhes mostre o que está a acontecer no seu município.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

Somos sete entidades no total, nomeadamente, as câmaras municipais de Aveiro, Estarreja e Ílhavo, assim como o Teatro Aveirense e o Beira-mar como representantes de uma entidade cultural e desportiva, respectivamente, e a Terra Nova e Cooperativa Cultural da Gafanha da Nazaré. Internamente, o número de pessoas que estas entidades envolvem deve rondar os 20 ou 30, mas do ponto de vista externo, toda a comunidade pode ser atingida pelo Piar.

Quais os impactos do projecto?

O facto de a informação aparecer na rua, de as pessoas poderem saber de uma forma simples o que está a acontecer na sua comunidade, penso que será útil para as desafiar a envolverem-se com a vida da comunidade em que se encontram. Também pensamos pelo facto de o projecto ser simples de alimentar que a sua viabilidade em termos de garantir conteúdos para que esteja sempre actualizado que não será complicado de alcançar.

É um projecto sem retorno. Vai continuar?

Penso que alguns dos parceiros envolvidos estão bastante interessados em alimentar o projecto com informação. Já no que toca à manutenção técnica e dos equipamentos, é preciso obter financiamento. As expectativas são positivas, porque tem havido alguma procura relativamente à utilização, que temos tentado refreá-la, porque pretendemos ainda fazer algumas alterações para continuar a elaborar um software para que seja versátil e que nos permita, um dia mais tarde, garantir o serviço com um mínimo de qualidade.

Precisa de mais investimento em TIC?

Em termos de equipamento penso que não é necessário muito investimento, mas este é sempre necessário em termos de formação, de pessoas e de actualização, em termos de mudança de processos de trabalho, pelo que aqui será sempre preciso investimento.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Claro, se calhar de uma outra forma, mas a ideia manter-se-ia e penso que vale a pena e há uma receptividade positiva àquilo que se tem feito.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto Pomada

Rosa Nogueira, presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro e João Silva, gestor do projecto, explicam o projecto Pomada, desenvolvido no âmbito do Programa Aveiro Digital. O Pomada tem por missão disponibilizar serviços de gestão e promoção da Associação Académica da Universidade de Aveiro

Qual é o principal objectivo do projecto?

Pomada significa Portal On-line Multimédia da Academia de Aveiro e o seu principal objectivo é criar uma plataforma de comunicação entre a Associação Académica e os estudantes que representa e depois também internamente entre os elementos que a constituem.

Como é que o projecto vai funcionar na prática?

Na prática teremos em termos de imagem da ligação entre a Associação e os estudantes a imagem do portal, que funcionará não só como uma imagem institucional, mas também como imagem de utilidade para os estudantes. A nível interno, através das diversas funcionalidades do portal, servirá para uma melhor gestão de conteúdos, de contabilidade, de sócios.

Quais são os novos serviços criados?

A integração do programa contabilístico interno directamente com os núcleos. A partir de agora vão desaparecer muitos papéis e burocracia existente, até porque a Associação Académica envolve mais 40 pequenas associações, que são os núcleos, que têm uma direcção própria e cria sempre grandes problemas a nível contabilístico. A partir de agora, através do nosso back-office, os núcleos acedem e tudo o que é preciso a nível contabilístico entra directamente no programa de contabilidade geral e desde logo poupa-se imenso tempo e imensos recursos.

Mas há outros serviços?

Sim. Vamos ter uma gestão de sócios que vai permitir que não seja obrigatória a presença dos estudantes aqui directamente na Casa do Estudante para fazer a renovação de quotas ou até mesmo para novas inscrições. Vai permitir que os próprios núcleos tenham uma melhor comunicação entre eles através de fóruns de discussão, vão poder fazer requisições de equipamento ou de recursos em geral através do back-office em qualquer lado e sem dúvida alguma que vai permitir uma melhor comunicação interna.

Qual é a grande utilidade do projecto?

É responder a uma necessidade que estava em falta numa associação de uma Universidade como a de Aveiro, que nem um site tinha. Vem responder, primeiro, a

este «atraso» e depois é uma ferramenta de comunicação, não só de nós para os estudantes, não só internamente entre os núcleos, mas também através da imagem da associação com entidades exteriores.

Resolve alguns problemas da associação?

Sim. Hoje em dia cada vez se utiliza mais a Internet e a Associação Académica não tinha essa imagem, porque os meios tradicionais já deixaram de funcionar. Mesmo no que diz respeito à parte contabilística, estando nós a fazer a redefinição dos procedimentos, vai permitir uma maior liberdade aos núcleos para a responsabilização que vão ter e da possibilidade de entregar a documentação.

Quantas entidades e pessoas estão envolvidas pelo projecto?

Directamente é a estrutura da Associação Académica, que engloba os órgãos directivos, e os núcleos que envolve cerca de 500 pessoas. Indirectamente, atinge todos quantos se relacionam com a associação, os nossos estudantes e os próprios órgãos da universidade e os patrocinadores e apoiantes que a associação tem.

Quais os impactos do projecto?

Principalmente reduz custos, reduz tempo de processamento e tentar maximizar o trabalho dos elementos directivos. Uma das grandes funções do portal é servir de base de dados para quem vai entrar de novo, porque a Associação Académica mais ou menos que se renova anualmente e quem vem de novo às vezes não encontra a informação de que necessita ou até nem sabe como funcionam. A própria comissão do Pomada o facto de ter dois elementos da direcção da Associação Académica e dois funcionários é justamente para assegurar a continuidade do projecto e o resolver o problema do tempo que os novos elementos demoram a inteirar-se do funcionamento da associação.

Em que fase está o projecto?

Já temos alguns módulos do back-office funcionais em teste, para permitir que em Setembro, quando os alunos chegarem já tenhamos alguma coisa mais concreta, mais palpável para ir experimentando e inserindo dados e permitir que o front-office em Outubro esteja disponível. O que está mais atrasado é na aquisição de equipamento.

É um projecto sem retorno. Vai continuar?

O objectivo destes dois anos de execução do projecto permite assegurar que todas as funcionalidades do Pomada continuem, principalmente a nível do procedimentos contabilísticos, a nível de gestão de sócios e vão continuar.

Precisa de mais investimento em TIC?

Sim, provavelmente, porque se tratam de tecnologias que são ultrapassadas rapidamente, mas não iremos precisar no imediato.

Voltaria a candidatar-se ao Programa Aveiro Digital?

Sim e até nos deveríamos ter candidatado mais cedo, porque o Aveiro Digital dá a possibilidade a estas instituições o desenvolvimento e colmatação de uma série de falhas.

Área de intervenção 8 – Informação, Cultura e Lazer

Projecto JFD

A Rededucativa, Associação para o Desenvolvimento Educativo e Sócio-Cultural, é uma das oito entidades beneficiárias do projecto SIG RED, da Aveiro Digital. Albérico Vieira, um dos responsáveis pelo projecto, falou ao PRAÇA PÚBLICA, fez o ponto de situação e mostrou-se satisfeito pela aposta feita.

Qual o principal objectivo deste projecto?

Trata-se de um projecto que pretende implementar um sistema de gestão de recintos e equipamentos, inicialmente desportivos, mas que neste momento estamos a querer alargar também a espaços e equipamentos culturais. Achámos que havia a necessidade de dar a conhecer, através de uma plataforma digital, a oferta das associações e de outras instituições, para o público em geral poder beneficiar de tudo aquilo que existe.

Quais são os novos produtos e serviços criados?

Em primeiro lugar fazemos a recolha de toda a informação de equipamento e de espaço desportivos que podem ser utilizados por grupos de pessoas, ou individualmente, por instituições, etc. Depois esta informação vai ter uma gestão online que pode ser consultada por todos os que queiram reservar ou alugar um espaço, e até efectuar os respectivos pagamentos, entre outras coisas.

Quais os principais problemas que visa resolver este projecto?

Em primeiro lugar rentabilizar tudo aquilo que existe, e felizmente existe muito equipamento, e também resolve algumas carências que o público em geral sente em aceder a algum espaço ou equipamento desportivo.

Quantas entidades, empresas e pessoas são afectadas pelos novos serviços?

É difícil qualificar em termos quantitativos. O que podemos indicar é a abrangência do projecto que se estende a toda a área metropolitana de Aveiro, mas eventualmente podemos não ficar por aqui.

Qual o impacto na criação de valor?

Neste momento estamos a criar uma plataforma digital, que se vai ligar a um outro projecto da Aveiro Digital que se chama ADIRA. Quanto ao impacto já recolhemos informação de algumas colectividades que se mostraram muito contentes e sensibilizadas com este novo projecto.

Quem vai explorar e manter actualizados estes serviços?

Em termos gerais a Rededucativa, que no fundo tem já uma actividade, embora que muito incipiente.

Precisa este projecto de mais investimento?

Em termos de investimento as coisas são razoáveis. É lógico que nunca ficamos satisfeitos, mas o importante é percebermos e aproveitarmos bem as oportunidades.

Voltariam a candidatar-se a este projecto, e porque razão?

Obviamente que sim, porque à medida que nós vamos desenvolvendo e avançando com o projecto vamos percebendo que era isto mesmo que era necessário.